

Relatório da Comissão N.º 013
Exame de Relatórios das Comissões Permanentes.

Quanto ao Doc. N.º 000061

Ementa: Relatório da Comissão Permanente de Liturgia e Música referente ao quadriênio 1994-1998.

O SC/IPB-99, em sua Reunião Extraordinária,

Considerando:

1. Relatório referente ao quadriênio 1994-1998

Resolve:

1. Aprovar o relatório com voto de apreciação pelo trabalho realizado, destacando a Carta Pastoral sobre Liturgia;
2. Remeter a Comissão de Reforma dos Princípios de Liturgia, o Diretório Litúrgico de Westminster., para apreciação;
3. Determinar que apresente relatório do período julho/98 a julho/99, no prazo de 90 dias, encaminhando ao SE/CE para que seja anexado ao relatório do período julho/99 a julho/02.

Sala das Sessões, 19/ julho / 1999.

Francisco de Assis
Butelheiro

Diogenes

MOM



IGREJA PRESBITERIANA
DO BRASIL

SUPREMO CONCÍLIO – 1998

COMISSÃO DE
EXAME DE
RELATÓRIOS DAS
COMISSÕES
PERMANENTES



PRESIDENTE

Da Comissão Permanente de Liturgia e Música

Quasílica, D.T.
14/7/98

Relatório das atividades da Comissão Permanente de liturgia e música referente ao quadriênio 1994/1998, para apreciação do SC/IPB.



**IGREJA
PRESBITERIANA
DO BRASIL**

**Comissão Permanente
de Liturgia e Música**

**Relatório de Atividades
do quadriênio 1990/94 -98**

Rev. Fólton Nogueira da Silva

Relator

25.4.98

Como relator desta comissão eu esperava que ela desse mais trabalho externo do que deu. Nosso trabalho quase que resumiu-se à confecção da Carta Pastoral.¹ Fizemos apenas duas reuniões e mantivemos alguma correspondência a respeito da carta e do texto do Diretório Litúrgico de Westminster.

Este fato foi observado por mim à CE/SC IPB, e na época o atribuí a três, prováveis, causas, e agora vejo que outras devem ser adicionadas às três primeiras:

1. A publicação da Carta Pastoral sobre Liturgia ter sido feita anexa à Carta Pastoral sobre o Espírito Santo, que, por ser tão polêmica, provavelmente, tenha absorvido toda a atenção.
2. Sua redação foi extremamente ponderada.
3. Sua posição de equilíbrio propiciou um reforço ao que já possuímos nos Símbolos de Fé.
4. O enorme trabalho do Secretário Nacional de Música Sacra, Maestro Parcival Módolo, que, percorrendo o País reforçou uma posição mais séria a respeito do culto.

No entanto, pude abordar o tema direta ou indiretamente nos seguintes lugares. Certamente minha posição como diretor do Seminário JMC facilitou muitos contatos.

1. Igreja Presbiteriana de Mauá
2. Federação de SAFs do Presbitério da Casa Verde
3. Igreja Presbiteriana de São Vicente
4. VII Seminário de Inverno de Música Sacra
5. Instituto de Pastores dos Seminários da IPB
6. Presbitério Metropolitano
7. Presbitério de Araraquara
8. Presbitério de São Bernardo do Campo
9. Sínodo Espírito Santo - Rio de Janeiro
10. Igreja Presbiteriana de Santo André
11. Igreja Presbiteriana do Braz
12. Igreja Presbiteriana Filadélfia
13. Igreja Presbiteriana de São Bernardo
14. Igreja Presbiteriana Emaús

¹ Cópia anexa

-
15. Igreja Presbiteriana do Jardim Santo Alberto
 16. Igreja Presbiteriana de Poá
 17. Igreja Presbiteriana da Lapa
 18. Igreja Presbiteriana da Vila Nhocuné
 19. Igreja Presbiteriana de Anápolis
 20. Igreja Presbiteriana de Santa Rita do Sapucaí
 21. Igreja Presbiteriana de Governador Valadares
 22. Igreja Presbiteriana de Osasco
 23. Igreja Presbiteriana de Carapicuíba

A tradução do "The Directory for The Publick Worship of God" da Assembléia de Westminster foi concluído.² A comissão só examinou uma parte. Entretanto creio que após algum trabalho editorial, ela estará pronta para ser publicada (se esta for a vontade deste Concílio).

Acho que sua publicação deva ser feita. Ela pode oferecer grande ajuda para um entendimento de nossas raízes e do que fazemos hoje. Não a recomendo como documento oficial (até mesmo devido ao anacronismo e especificidade de alguns pontos), porém, colocando o que é específico da época e lugar em que ela foi gerada como notas históricas, nós teremos um bom elemento para se entender muito do que está acontecendo hoje em nosso meio.

Anexos:

1. Carta Pastoral sobre Liturgia
2. Diretório Litúrgico de Westminster

² Cópia anexa.

O SUPREMO CONCÍLIO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, ciente da diversidade cultural e social que a caracteriza, e apreensivo quanto às tendências polarizantes que podem acontecer em contextos assim, resolve enviar à toda Igreja, mas principalmente aos pastores, a seguinte: CARTA PASTORAL

O SUPREMO CONCÍLIO reitera a Constituição afirmando que é função privativa do Ministro do Evangelho "orientar e supervisionar a liturgia na Igreja de que é pastor". Entretanto salienta que tal liturgia deve ser feita dentro de determinados parâmetros que estão implícitos ou explícitos nas sagradas Escrituras, em nossos Símbolos de Fé e em nossa praxe. Tais parâmetros não podem ser omitidos quando a liturgia estiver sendo elaborada ou praticada:

1. A Teocentricidade do culto. Embora o culto seja um encontro de comunhão entre o povo de Deus e neste caso um encontro de irmãos, não podemos esquecer que o culto é primariamente um encontro entre Deus e o Seu Povo. A Igreja comparece diante de Deus Triuno confiada nos méritos de Cristo e trazida pelo Espírito Santo que a capacita com ousadia. Ela celebra o Altíssimo com temor e tremor. Devemos, então, separar completamente este ato singular de todos os demais, por mais honestos, lícitos e necessários que estes outros sejam. Não precisamos esquecer as comemorações festivas não religiosas. Elas podem ser úteis à vida comunitária da Igreja. Entretanto elas não devem tomar o lugar do culto que deve ser prestado unicamente a Deus. Mesmo que sejam feitas na mesma ocasião do culto, elas devem ser separadas deste, para que a Igreja entenda o que está acontecendo e, por descuido, não seja estimulada à idolatria.

2. As Festas Religiosas. A comemoração das festividades religiosas não deve ser esquecida. Corremos o risco de passar às nossas ovelhas uma imagem "espiritualizada" dos eventos históricos do cristianismo. Podemos datar alguns deles com grande precisão e podemos ver a Igreja Cristã comemorando alguns destes eventos desde o período apostólico. Devemos lembrar que o Cristianismo está assentado em bases históricas. Tão históricas que possuem data de aniversário. Festas como Natal, Páscoa, Ascensão e Pentecostes foram sempre comemoradas pela cristandade (Embora não saibamos com certeza a verdadeira data do Natal, podemos calcular, entretanto as datas da Páscoa, da Ascensão e do Pentecostes). É lamentável a Igreja lembrar-se de efemérides comuns e esquecer-se de datas tão importantes para nossa fé.

3. Cultuar com Espírito e com a Mente. Com ordem e com decência. É certo que não podemos abstrair nossas emoções de um encontro com Deus. Entretanto elas devem ser decorrência deste encontro com Ele. Fabricar emoções não é um caminho seguro para este encontro. Ler e meditar em Sua Palavra, arrepender-se sinceramente e que demanda uma atitude de humilde confiança nos méritos de Cristo, é um caminho seguro para que nos apresentemos perante Ele. Tal apresentação, via de regra, conduz o adorador à mais profunda comoção, por perceber-se o objetivo do amor de Deus. Deus perante o Qual ele é pó. Deus a Quem por vezes ele despreza e desrespeita.

4. Os verdadeiros (*αληθινοί*: não falsos) adoradores adoram o Pai em Espírito e em verdade (*αληθεια*: não através de símbolos). Qualquer apoio material, simbólico, que vise facilitar o trabalho do adorador, deve ser objeto de atento estudo e de particular cautela para que não o transformemos em ídolo. A hora já chegou: o verdadeiro adorador adora diretamente ao Pai, através do único mediador: Jesus.

5. Unidade. Os cânticos usados, congregacionais ou não, devem estar em harmonia com uma teologia bíblica sã, com nossos Símbolos de Fé e com o momento do culto em que eles forem cantados.

Tais parâmetros devem ser estudados, comparados com o que a Bíblia nos ensina e com o que nossos Símbolos de Fé interpretam (especialmente o Capítulo XXI de nossa Confissão de Fé). Devemos sempre conduzir o rebanho, sobre o qual Deus nos constituiu bispos para o pastorearmos, a águas mais tranqüilas e pastos mais verdes.

“Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor; por que o nosso Deus é fogo consumidor” Hebreus 12.28

UM APÊNDICE - Quanto a Dias e Lugares para Pública Adoração.

Não há dia exigido na escritura para ser guardado santo sob o evangelho a não ser o dia do Senhor, que é o sábado cristão.

Dias festivos, vulgarmente chamados Dias-santos, tendo nenhuma garantia na palavra de Deus, não devem ser continuados.

Todavia, é legítimo e necessário, sobre ocasiões emergentes especiais, separar um dia, ou dias, para o jejum ou ação de graças pública, como as muitas dispensações iminentes e extraordinárias da providência de Deus ministrarão causa e oportunidade para o seu povo.

Como nenhum lugar é capaz de qualquer santidade, sob pretensão de qualquer dedicação ou consagração; assim nenhum está sujeito a tal poluição por qualquer superstição anteriormente usada, e agora colocada de lado, que possa torná-lo ilícito ou inconveniente para cristãos se encontrarem nele para a pública adoração de Deus. E por isso nós requisitamos, que os lugares de pública reunião para adoração entre nós devam ser continuados e empregados para tal uso.

Tradução: Seminarista Heber C. Campos Jr. e Professora Maria Lúcia Estêvão. *Compilação e notas explicativas. Rev. Fálton Nequeira da Silva*

Diretório Litúrgico de Westminster

Sobre o Congregar da Congrega- ção, e o Comportamento na Pública Adoração a Deus.

Quando a congregação se reúne para a adoração pública, as pessoas (tendo anteriormente preparado os seus corações para tal) devem, todas, vir e fazer parte; sem se ausentarem das ordenanças públicas por negligência, ou por desculpa de reuniões privadas.

Que todos entrem na assembleia, não irreverentemente, mas de forma decente e solene, tomando os seus assentos ou lugares sem adorar, ou curvar-se em direção a um lugar ou outro.

Estando reunida a congregação, o ministro, após solene chamamento dos cristãos à adoração do grande nome de Deus, deve começar com oração.

"Em toda reverência e humildade, reconhecendo a incompreensível grandeza e majestade do Senhor, (o qual diante da sua presença, eles comparecem de forma especial) e a própria vileza e indignidade deles para aproximar tanto dele, com sua total incapacidade para tão grande obra; e humildemente implorando a ele por perdão, assistência, e aceitação, em todo o culto que então será realizado; e por uma bênção sobre aquela porção específica da palavra que então será lida; E tudo no nome e na mediação do Senhor Jesus Cristo."

Tendo começado a adoração pública, as pessoas devem acompanhar integralmente, evitando ler qualquer coisa, exceto o que o ministro está então lendo ou citando; e abstendo-se muito mais de todo o cochicho sobre assuntos particulares, conversação, cumprimento, ou reverência a qualquer pessoa que esteja presente ou entrando; também de toda distração, dormir, e outros comportamentos indecentes que possam perturbar o ministro ou as pessoas, ou atrapalhar a si mesmos ou outros no culto a Deus.

Se por alguma necessidade, alguém for impedido de estar presente no começo, tal pessoa não deve, ao entrar, aplicar-se em devoções privadas. Mas reverentemente

se compor para unir-se à assembleia na ordenança de Deus que está então sendo realizada.

Sobre a Leitura Pública das Sagradas Escrituras.

A leitura da palavra na congregação, sendo parte da pública adoração a Deus, (onde nós reconhecemos nossa dependência dele, e sujeição a ele,) e um meio santificado por Ele para a edificação do seu povo, deve ser executada por pastores ou professores.

Entretanto, como é próprio do ministério, ambos podem ocasionalmente lerem a palavra, e exercitar os seus dons em pregação na congregação, se permitido pelo presbitério.

Todos os livros canônicos do Velho e Novo Testamento (mas nenhum daqueles que são comumente chamados *Apócrifos*) devem ser lidos publicamente na língua popular, na melhor tradução disponível, distintamente, para que todos possam ouvir e entender.

O quanto deve ser lido de uma vez, é deixado à mercê da sabedoria do ministro; mas é conveniente, que ordinariamente um capítulo de cada Testamento seja lido em cada reunião; e às vezes mais, quando os capítulos forem curtos, ou a coerência da questão requeira.

É requisito que todos os livros canônicos sejam lidos em ordem, para que as pessoas possam estar melhor familiarizadas com todo o corpo das escrituras; e ordinariamente, quando a leitura de qualquer Testamento acabar no dia do Senhor, deve-se começar o próximo.

Nós também recomendamos a leitura mais freqüente daqueles textos que sejam mais adequados à situação em que os ouvintes precisem ser particularmente edificados, como o livro dos Salmos, e outros tais.

Quando o ministro que lê julgar necessário expor qualquer parte do que foi lido, não faça até que o capítulo inteiro ou salmo termine; e consideração deve ser dada ao tempo, para que nem a pregação, nem outras ordenanças sejam encurtadas, ou tornadas cansativas. Tal regra deve ser

observada em todas as outras realizações públicas.

Além da leitura pública das sagradas escrituras, cada pessoa que pode ler, deve ser exortada a ler as escrituras particularmente, (e todos os outros que não podem ler, se não forem incapacitados pela idade, ou outra coisa, da mesma forma devem ser exortados a aprenderem a ler,) e ter uma Bíblia.

Sobre a Oração Pública antes do Sermão.

Depois da leitura da palavra, (e de cantar o salmo,) o ministro que está para pregar, deve se empenhar para tornar o coração dos seus ouvintes e o seu próprio coração afetado com os seus pecados, de modo que todos lamentem isto perante o Senhor, e tenham fome e sede da graça de Deus em Jesus Cristo, procedendo a uma mais completa confissão do pecado, com vergonha e santa perplexidade estampadas na face, e clamar ao Senhor para este efeito:

“Reconhecer nossa grande pecaminosidade, primeiro, por causa do pecado original, que (além da culpa que nos torna sujeito à condenação eterna) é a semente de todos os outros pecados, tem depravado e envenenado todas as faculdade e poderes da alma e corpo, polui as nossas melhores ações, e (se não fosse impedido, ou nossos corações renovados pela graça) desencadeia inúmeras transgressões, e maiores rebeliões contra o Senhor do que as que já foram cometidas pelos mais vis filhos de homens;

A seguir, por causa dos pecados atuais: nossos próprios pecados, os pecados de magistrados, de ministros, e de toda nação, os quais nós somos de muitas formas acessórios. Alguns pecados nossos recebem muitas agravações temíveis, quando quebramos todos os mandamentos da santa, justa, e boa lei de Deus, fazendo o que é proibido, ou não fazendo o que está prescrito, e isto não somente por ignorância ou fraqueza, mas também mais presunçosamente, contra a luz de nossas mentes, o revistar de nossas consciências, e movimentos do seu próprio Espírito Santo em direção contrária, de forma que não temos desculpas para nossos pecados.

Assim, não somente desprezando as riquezas da bondade de Deus, longanimidade, paciência, mas opondo-nos aos muitos convites e ofertas da graça no evangelho, não nos esforçando, como devemos, para receber Cristo nos nossos corações pela fé, ou andar dignamente dele nas nossas vidas.”

“Chorar nossa cegueira de mente, dureza de coração, incredulidade, impenitência, segurança, indiferença, aridez, o não nos empenharmos para uma mortificação e novidade de vida, nem para o exercício da piedade no poder de tal. Que não temos andado tão firmemente com Deus, mantido nossas vestiduras tão sem mancha, nem sido tão zelosas pela sua glória, ou pelo bem dos outros, como devemos: e lamentar por outros pecados dos quais a congregação é particularmente culpada, não obstante as múltiplas e grandes misericórdias de nosso Deus, o amor de Cristo, a luz do evangelho, a reforma da religião, nossos próprios propósitos, promessas, votos, pacto solene, e outras obrigações especiais que nos apontam a oposto.”

“Reconhecer e confessar que, como somos convencidos da nossa culpa, assim deseje profundo sentimento, nós julgamos a nós mesmos indignos dos menores benefícios, merecedores da mais terrível ira de Deus, e de todas as maldições da lei, e os mais pesados juízos infligidos sobre o pecador mais rebelde; e que ele pode justamente tirar de nós o seu reino e evangelho, castigar-nos com todo tipo de juízos espirituais e temporais nessa vida, e depois lançar-nos à escuridão total, no lago que queima com fogo e enxofre, onde há gemidas e ranger de dentes eternamente.”

“Sem embargo, tudo que serve para nos aproximar do trono da graça, nos encorajando com esperança de uma resposta graciosa de nossas orações, nas riquezas e auto-suficiência daquele único sacrifício, a satisfação e intercessão do Senhor Jesus Cristo, à direita do seu Pai e nosso Pai; e na confiança das excedentemente grandes e preciosas promessas de misericórdia e graça no novo pacto, através do mesmo Mediador, deprecar a pesada ira e maldição de Deus, que não somos capazes de evitar, ou suportar; e humilde e ansiosamente suplicar por misericórdia, na livre e total remissão de todos os nossos pecados, e isto somente pelos sofrimentos amargos e méritos preciosos do nosso único Salvador Jesus Cristo.”

"Que o Senhor derrame seu amor nos nossos corações pelo Espírito Santo; sele-nos, pelo mesmo Espírito de adoção, com a total garantia do nosso perdão e reconciliação; conforte todos que lamentam em Sião, profere paz aos espíritos feridos e pesados, e ate o coração partido.

Quanto aos pecadores seguros e presunçosos, que Ele abra seus olhos, convença as suas consciências, transporte-os das trevas para luz, do poder de satanás para Si próprio, a fim de que recebam perdão dos pecados, e uma herança entre os que são santificados pela fé em Cristo Jesus."

"Confiados na remissão de pecados pelo sangue de Cristo, orar pela nossa santificação pelo seu Espírito; pela mortificação do pecado que habita em nós e muitas vezes nos domina; pelo vivificar dos nossos espíritos mortos com a vida de Deus em Cristo; para que a graça nos ajuste e capacite a todos os deveres para com Deus e para com os homens; por força contra tentações; pela uso santificado de bênçãos e cruzeiros¹; e pela perseverança na fé e obediência até o fim."

"Orar pela propagação do evangelho e reino de Cristo para todas as nações; para a conversão dos Judeus, a plenitude dos Gentios, a queda do Anticristo, e o apressar da segunda vinda de nosso Senhor; pelo livramento das igrejas afligidas espalhadas pela superfície da terra da tirania da facção anticristã, e das blasfêmias e opressões cruéis do Turco²; pela bênção de Deus sobre as igrejas reformadas, especialmente sobre as igrejas e reinos da Escócia, Inglaterra, e Irlanda, agora mais estrita e religiosamente unidas no Pacto e Liga Nacionais Solenes; e pelas nossas missões nas partes remotas do mundo: mais em particular por aquela igreja e reino dos quais somos membros, que lá Deus estabeleça paz e verdade, pureza em todas suas ordenanças, e o poder da piedade; previna e remova heresias, cismas, profanações, superstições, "segurança e infrutibilidade"³ sobre os meios da graça; cure todas nossas cisões e divisões, e preserve-nos da ruptura do nosso Pacto Solene."

"Orar por todos em autoridade, especialmente pela Majestade do Rei; que Deus o

torne rico em bênçãos, tanto sobre a sua pessoa quanto sobre seu governo;

Que ele estabeleça seu trono sobre a religião e a retidão, livre-o de conselho maligno, e torne-o um instrumento abençoado e glorioso para a conservação e propagação do evangelho, para o encorajamento e proteção dos que fazem o bem, terror de todos que praticam o mal, e para o grande bem de toda Igreja, e de todos os seus reinos;

Pela conversão da Rainha, a educação religiosa do Príncipe, e do restante da semente real;

Pelo conforto da aflita Rainha da Boêmia, irmã da nossa Soberana; e pela restituição e estabelecimento do nosso ilustre Príncipe Charles, Eleitor Palatino do Reno, sobre todos seus domínios e dignidades;

Por uma bênção sobre a Alta Corte do Parlamento, (quando estabelecida sobre qualquer desses reinos respectivamente,) a nobreza, os magistrados e juizes subordinados, a classe logo abaixo da nobreza, e sobre o povo comum;

Por todos pastores e professores, que Deus os encha com Seu Espírito, os torne exemplarmente santos, sóbrios, justos, pacificadores, e benignos nas suas vidas; sãos, fiéis, e poderosos nos seus ministérios; e acompanhe todo o trabalho deles com abundância de sucesso e bênçãos; e dê a todo o Seu povo pastores segundo o seu próprio coração;

Pelas universidades, e todas escolas e seminários religiosos da igreja e do Estado, que elas possam florescer mais e mais no aprendizado e piedade;

Pela cidade ou congregação em particular, que Deus derrame uma bênção sobre o ministério da palavra, dos sacramentos, e disciplina, sobre o governo civil, e todas as muitas famílias e pessoas que fazem parte de tal;

Por misericórdia ao aflito debaixo de desolação interior ou exterior;

Por clima próprio a cada estação, e colheitas de acordo com o seu devido tempo;

Pela supressão dos juizes que sentimos ou tememos, ou a que estamos sujeitos, tais como fome, peste, a espada, e outros que tais."

¹ NT: Provavelmente refira-se ao uso da cruzes ou "persignações". Práticas que não adotamos e, em alguns casos, até censuramos.

² NT: Seria hoje o equivalente ao "muçulmanismo"?

³ NT: Provavelmente se refere ao cetero "ex opera operato", ou ao descaso dos meios de graça, especialmente dos sacramentos.

"E, com confiança na Sua misericórdia pura com toda igreja, e a aceitação de nossas pessoas, através dos méritos e mediação do nosso Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus, professemos que é desejo de nossas almas ter comunhão com Deus no uso consciente e reverente das suas santas ordenanças; e, para tal propósito, oremos ardentemente pela sua graça e assistência eficiente a fim de santificarmos seu santo dia de descanso, o dia do Senhor, em todos os deveres, públicos e privados, nós e todas as outras congregações do Seu povo, em que segundo as riquezas e excelências do evangelho, este dia é celebrado e desfrutado."

"E, porque temos sido ouvintes inúteis no passado, e agora não podemos por nós mesmos receber, como devemos, as coisas profundas de Deus, os mistérios de Jesus Cristo, que requerem um discernimento espiritual, peçamos ao Senhor, que nos ensina a desfrutar, graciosamente deleite-se no derramar do Espírito de graça, juntamente com os meios externos desta, fazendo com que atinjamos uma medida tal da excelência e do conhecimento de Cristo Jesus nosso Senhor, e, nele, das coisas que pertencem à nossa paz, que possamos considerar todas as coisas como escória em comparação a ele;

Que nós, experimentando os primeiros frutos da glória que está pra ser revelada, tenhamos anseio por uma comunhão mais perfeita e repleta com ele, para que onde ele estiver, nós possamos estar também, e gozar da plenitude daqueles prazeres e alegrias que estão na sua mão direita para sempre."

"Mais em particular, que Deus de forma especial forneça seu servo (agora chamado para dispensar o pão da vida à sua família) com sabedoria, fidelidade, zelo, e elocução, para que possa dividir a palavra de Deus corretamente, a cada um sua porção, na evidência e demonstração do Espírito e do poder; e que o Senhor circuncide as orelhas e corações dos ouvintes, para ouvir, amar, e receber com mansidão a palavra gravada, que é apta para salvar as suas almas; torná-los como boa terra para receber a boa semente da palavra, e fortalecê-los contra as tentações de Satanás, os cuidados do mundo, a dureza de seus próprios corações, e contra tudo mais que possa impedir o ouvir salvador e proveitoso deles: que assim Cristo possa estar tão formado neles, e viver neles, que todos os seus pensamentos sejam trazidos ao cativo da obediência

de Cristo, e seus corações estabelecidos em toda boa palavra e obra para sempre."

Julgamos ser esta uma ordem conveniente, na costumeira oração pública; contudo, o ministro pode diferir (em prudência o que for necessário) alguma parte dessas petições até depois do sermão, ou oferecer a Deus alguma gratidão daqui em diante apontada, na sua oração antes do sermão.

Sobre a Pregação da Palavra.

A pregação da palavra, sendo o poder de Deus para a salvação, e um dos maiores e mais excelentes trabalhos pertencentes ao ministério do evangelho, deve ser executada, de tal forma que o obreiro não se envergonhe, mas salve a si mesmo, e aqueles que o ouvem.

Pressupomos, de acordo com as regras da ordenação, que o ministro de Cristo é em alguma medida dotado para tarefa tão pesada, pela sua habilidade nas línguas originais, e em tais artes e ciências que são servas ciências divinas; pelo seu conhecimento de todo corpo de teologia, mas acima de tudo das Sagradas Escrituras, tendo seus sentidos e coração exercitados nos mesmos, em nível mais elevado que dos fiéis comuns, e pela iluminação do Espírito de Deus, e outros dons de edificação, que (juntamente com a leitura e estudo da Palavra) ele deva ainda buscar em oração, e com um coração humilde, resolvendo admitir e receber qualquer verdade ainda não alcançada, quando Deus tornar conhecido a ele. De tudo isto ele deve fazer uso, e progredir nas suas preparações em particular, antes de dizer em público o que ele providenciou.

Ordinariamente, o assunto do seu sermão deve ser algum texto da escritura, expondo algum princípio, tema religioso, ou assunto apropriado a alguma ocasião especial em pauta; ou ele pode usar algum capítulo, salmo, ou livro da santa escritura, como ele achar adequado.

Que a introdução do seu texto seja breve e perspicaz, tirada do próprio texto, ou contexto, ou algum lugar paralelo, ou frase geral da escritura.

Se o texto for longo, (como as histórias ou parábolas algumas vezes são,) que ele dê um resumo deste; se for curto, que parafraseie, se necessário. Em ambos os casos, olhando diligentemente para a esfera de ação do texto, e apontando para os principais tópicos e sustentáculos de doutrina que ele deve tirar do texto.

Analisando e dividindo o seu texto, ele deve considerar mais a ordem do assunto do que das palavras; e não deve embaraçar a memória dos ouvintes no início com muitas partes divisórias, nem confundir suas mentes com termos obscuros de arte.

Ao tirar doutrinas do texto, seu cuidado deve ser, *primeiramente*, que o assunto seja a verdade de Deus. *Em segundo lugar*, que seja uma verdade contida ou sustentada naquele texto, para que os ouvintes possam discernir como Deus a ensina no texto. *Em terceiro lugar*, que ele insista principalmente naquelas doutrinas que são principalmente intencionadas, e aproveitar ao máximo para a edificação dos ouvintes.

A doutrina deve ser expressada em termos simples, ou, se algo precisa ser explicado, deve ser aberto, e a consequência também do texto clarificada. Os lugares paralelos da escritura, confirmando a doutrina, devem ser mais simples e pertinentes que muitos outros, e (precisam ser) de alguma forma enfatizados, e aplicados ao propósito em mãos.

Os argumentos ou razões devem ser sólidos, e tanto quanto podem, convincentes. As ilustrações, quaisquer que sejam, devem ser cheias de luz, e de tal forma que conduza a verdade ao coração do ouvinte com deleite espiritual.

Se qualquer dúvida óbvia vinda da escritura, razão, ou do preconceito dos ouvintes, surgir, é requisito crucial removê-la, reconciliando as aparentes diferenças, respondendo as razões, e descobrindo e arrancando as causas do preconceito e erro. De outro modo não é apropriado deter os ouvintes expondo ou respondendo sofismas maus e vãos, que, da mesma forma que são infundáveis, o expor e respondê-los impede mais do que promove a edificação.

Ele não deve limitar-se a doutrinas gerais, embora claras e confirmadas, mas "trazer pra casa", aplica-la aos seus ouvintes. Embora isto seja difícil, exija muita prudência, zelo, e meditação, e para o homem natural e corrupto é muito desagradável, contudo ele deve procurar executar essa tarefa de tal forma que os seus ouvintes sintam que a Palavra de Deus é afiada e poderosa, e uma discernidora de pensamentos e intenções do coração; e que, se qualquer pessoa incrédula ou ignorante esteja presente, os segredos do seu coração sejam manifestos, e dê glória a Deus.

Quando surgir algum detalhe que seja consequência da doutrina exposta, ele pode (quando conveniente) confirmá-lo com alguns argumentos firmes extraídos do texto em mãos, de outros lugares na escritura, ou, ainda, da natureza da teologia, de onde aquela detalhe seja uma ramificação.

Na refutação de doutrinas falsas, ele não deve levantar uma heresias velhas do seu sepulcro, nem mencionar uma opinião blasfema desnecessariamente, mas, se o povo estiver em perigo de erro, ele deve refutá-lo de forma segura, e procurar satisfazer seus juízos e consciências contra toda objeção.

Exortando o povo a cumprir seus deveres, ele pode, conforme achar prudente, ensinar também os meios que ajudam a executá-los.

Na correção, repreensão, e pública admoestação (que requer sabedoria especial), ele deve agir livremente, pois haverá motivo, não somente descobrir a natureza e grandeza do pecado, com a miséria acompanhando-o, mas também mostrar o perigo de seus ouvintes serem surpreendidos pelo pecado, e, então, descobrir, também, os remédios e melhor maneira de evitá-lo.

Alguma vezes é requisito dar algumas notas de julgamento, (que é muito proveitoso, especialmente quando executados por ministros hábeis e experientes, com circunspeção e prudência, e os sinais claramente baseados na sagrada escritura,) por

meio das quais os ouvintes podem ser aptos a examinar a si mesmos. Quer tenham atingido aquelas graças, e realizado aqueles deveres, aos quais ele exorta, ou se tornem culpados de pecados repreendidos, e estejam em perigo de juízos ameaçados ou sujeitos às consolações correspondentemente propostas.

Assim que desta forma eles sejam vivificados e energizados ao trabalho, humilhados por seus desejos e pecados, alertados dos perigos que correm, fortalecidos e confortados, como deles sob exame, requererá.

E, da mesma forma como ele não precisa sempre expor todas doutrinas que jazem no texto, ele deve sabiamente selecioná-las. Pela convivência e conversa com seu rebanho ele descobrirá as mais úteis e adequadas; e, entre estas, aqueles que mais aproximam suas almas de Cristo, a fonte de luz, santidade, e conforto.

Este método não é prescrito como necessário para todo homem, ou sobre todo texto, é apenas recomendado, pela experiência por ser muitíssimo abençoado por Deus, e muito útil para o entendimento e retenção da verdade pelo povo.

Mas o servo de Cristo, qual seja seu método, deve realizar todo o seu ministério:

1. **Dolorosamente.** Sem realizar a obra do Senhor negligentemente.

2. **De forma simples,** para que o mais insignificante possa entender, comunicando a verdade não em palavras encantadoras da sabedoria do homem, mas em demonstração do Espírito e do poder, a fim de que a cruz de Cristo não seja tornada sem efeito; abstendo-se também de um uso não proveitoso de línguas desconhecidas, frases estranhas, e cadências de sons e palavras; economizando o citar frases de escritores eclesiásticos e outros escritores humanos, antigos ou modernos, mesmo sendo os mais prestigiados possíveis.

3. **Fielmente,** olhando para a honra de Cristo, a conversão, edificação, e salvação do povo, não para seu próprio ganho ou glória, retendo nada que possa promover aqueles fins santos, dando a cada um sua própria porção, e concedendo indife-

rente respeito a todos, sem negligenciar o mais insignificante, ou livrando o mais cristão, de seus pecados.

4. **Sabiamente,** estruturando todas suas doutrinas, exortações, e especialmente suas repreensões, de tal forma que seja mais provável prevalecer, demonstrando todo o respeito devido à pessoa e ao lugar de cada homem, e sem misturar sua própria paixão ou amargura.

5. **Solenemente,** como se apresenta a palavra de Deus; evitando todo gesto, voz, e expressões, que possam dar ocasião à corrupções humanas que acarretem-lhe o desprezo e por extensão a seu ministério.

6. **Com carinhosa afeição,** para que o povo possa ver tudo vindo de seu zelo pelas coisas de Deus, e de seu desejo sincero de fazer bem feito. E,

7. **Como ensinado por Deus,** e persuadido no seu próprio coração, de que tudo que ele ensina é a verdade de Cristo. Andando na frente do seu rebanho como exemplo pra eles; tanto em particular como publicamente, recomendando ardentemente seus labores para o louvor de Deus, e cuidadosamente olhando a si mesmo e o rebanho sobre o qual o Senhor o fez superintendente: Assim a doutrina da verdade será preservada imaculada, muitas almas serão convertidas e edificadas, e ele mesmo receberá múltiplos confortos pelos seus labores, mesmo nesta vida, e depois a coroa de glória lhe será dada no mundo por vir.

Onde há mais que um ministro numa congregação, e eles com dons diferentes, cada um pode aplicar-se mais especialmente a doutrina ou exortação, segundo o dom no qual é mais excelente, de forma que concordem entre si.

Sobre Oração após o Sermão.

O sermão terminado, o ministro deve:

Agradecer pelo grande amor de Deus, em enviar o seu Filho Jesus Cristo a nós; pela comunicação do seu Espírito Santo; pela luz e liberdade do glorioso evangelho, e as bênçãos ricas e celestiais reveladas neste; tais como eleição, vocação, adoção, justifi-

cação, santificação, e esperança de glória; pela admirável bondade de Deus em libertar a terra de tirania e escuridão anti-cristãs, e por todas as outras libertações nacionais; pela reforma da religião; pelo pacto; e por muitas bênçãos temporais.

Orar pela continuação do evangelho, e de todas suas ordenanças, na sua pureza, poder e liberdade, tornando as principais e mais úteis idéias do sermão em algumas petições, e orar para que elas possam fazer morada no coração, e produzir frutos.

Orar pela preparação para morte e juízo, e pelo vigiar para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo: para suplicar a Deus o perdão das iniquidades das nossas coisas santas, e a aceitação do nosso sacrificio espiritual, através do mérito e mediação do nosso grande Sumo Sacerdote e Salvador, o Senhor Jesus Cristo.

Visto que a oração que Cristo ensinou seus discipulos não é apenas uma oração padrão, mas uma oração muito abrangente, nós recomendamos que ela também seja usada nas orações da igreja.

E ao passo que, na administração dos sacramentos, no jejum público e nos dias de ação de graça, e noutras ocasiões especiais, que podem exigir e petições e agradecimentos especiais, é requisito expressar algo a respeito nas nossas orações públicas, (como nessa hora é nosso dever orar por uma bênção sobre a Assembléia do Governo, os exércitos marítimos e terrestres, pela defesa do Rei, Parlamento, e do Reino,) todo ministro deve aqui aplicar a si mesmo nessa oração, antes ou depois do sermão, para estas ocasiões: mas, pelo costume, ele é deixado livre, pois Deus o dirigirá e o capacitará em piedade e sabedoria a executar a sua tarefa.

Finda a oração, um salmo deve ser cantado, contanto que seja feito com conveniência. Depois disto (a não ser que alguma outra ordenança de Cristo, concernente à congregação naquela hora, deva seguir) o ministro deve despedir a congregação com uma bênção solene.

Sobre a Minистраção dos Sacramentos

O Batismo.

Batismo, como não deve ser atrasado desnecessariamente, assim também não deve ser ministrado em qualquer caso por uma pessoa leiga, mas por um ministro de Cristo, chamado para ser um mordomo dos mistérios de Deus.

Também não deve ser ministrado em lugares privados, ou privadamente, mas no lugar de adoração pública, e diante da congregação, onde as pessoas possam ver e ouvir mais convenientemente, e não em lugares onde, no tempo do Papado, fontes⁴ eram descabida e supersticiosamente colocadas.

A criança a ser batizada, após o ministro ter sido notificado no dia anterior, deve ser apresentada pelo pai, ou (em caso de sua inevitável ausência) por algum amigo cristão no seu lugar, professando seu ardente desejo de que a criança seja batizada.

Antes do batismo, o ministro deve dar algumas palavras de instrução, concernente à instituição, a natureza, o uso, e os fins deste sacramento, mostrando:

1. Que é instituído pelo nosso Senhor Jesus Cristo.
2. Que é um selo do pacto da graça, do nosso enxertar em Cristo, e da nossa união com ele, da remissão de pecados, regeneração, adoção, e vida eterna.
3. Que a água, no batismo, representa e significa tanto o sangue de Cristo, que retira toda a culpa do pecado, original e atual; e a virtude santificadora do Espírito de Cristo contra o domínio do pecado, e a corrupção da nossa natureza pecadora.
4. Que batizar, ou aspergir e lavar com água, significa a limpeza do pecado pelo sangue e pelo mérito de Cristo, juntamente com a mortificação do pecado, e o ressurgir do pecado para novidade de vida, pela

⁴NI.; Pias batismais, fontes, etc.

virtude da morte e ressurreição de Cristo.

5. Que a promessa é feita aos fiéis e sua semente; e que a semente e posteridade do fiel, nascidas na igreja, tem, pelo seu nascimento, parte no pacto, e direito ao selo do mesmo, e aos privilégios externos da igreja, sob o evangelho, não menos que os filhos de Abraão no tempo do Velho Testamento, já que o pacto da graça, por substância, é o mesmo; e a graça de Deus, e a consolação dos fiéis, mais abundante que antes.
6. Que o Filho de Deus admitiu crianças na sua presença, abraçando e abençoando-as, dizendo: "Pois das tais é o reino de Deus".
7. Que crianças, pelo batismo, são solenemente recebidas no seio da igreja visível, distinguidas do mundo, dos que estão fora⁵, e unidas aos fiéis; e que todas que são batizadas no nome de Cristo, renunciaram, e, pelo seu batismo são destinadas a lutar contra satanás, o mundo, e a carne.
8. Que eles são cristãos, e federativamente santos antes do batismo, e por isso são batizados.
9. Que a graça interna e a virtude do batismo não está presa ao momento exato da ministração; e que o fruto e poder portanto alcança todo o curso de nossa vida.
10. Que o batismo externo não é tão necessário, que, pela falta do mesmo, a criança esteja em perigo de condenação, ou os pais culpados, se eles não menosprezarem ou negligenciarem a ordenança de Cristo, quando e onde ela possa ser obedecida.

Com estas instruções ou algo semelhante, o ministro deve usar a sua própria liberdade e sabedoria divina, como a ignorância e os erros na doutrina do batismo, e a edificação do povo, exigirem, ele,

também, deve admoestar todos os que estão presentes,

1. A voltarem os olhos para o seu batismo;
2. a arrependerem dos seus pecados contra seu pacto com Deus;
3. a "chacoalhar"⁶ a sua fé;
4. a melhorarem e fazerem uso correto do batismo, e do pacto ali selado entre Deus e suas almas.

Ele deve exortar o pai:

1. A considerar a grande misericórdia de Deus para ele e seu filho;
2. a educar a criança no conhecimento dos alicerces da religião cristã, e no ensino e admoestação do Senhor;
3. e a deixá-lo conhecer o perigo da ira de Deus para si e seu filho, se ele for negligente: exigindo sua promessa solene para a execução da sua tarefa.

Sendo isto feito, uma oração deve acompanhar a palavra de instituição, para santificar a água para este uso espiritual; e o ministro deve orar para o seguinte efeito ou algo semelhante:

1. Que o Senhor, que não nos deixou como estranhos sem o pacto da promessa, mas nos chamou para os privilégios das suas ordenanças, graciosamente santifique e abençoe a sua própria ordenança do batismo nesta hora.
2. Que ele una o batismo interno do seu Espírito com o batismo externo da água; torne esse batismo um selo de adoção para a criança, de remissão de pecado, regeneração, e vida eterna, e todas as outras promessas do pacto da graça.
3. Que a criança seja colocada na semelhança da morte e ressurreição de Cristo;
4. e que, o corpo de pecado sendo-lhe destruído, ela sirva a Deus em novidade de vida todos os seus dias.

⁵ NT.: "dos que estão fora da igreja".

⁶ NT.: Despertar, avivar, etc.

Então o ministro deverá exigir o nome da criança; sendo dito, ele deve dizer:

(chamando a criança pelo seu nome), eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Enquanto pronuncia estas palavras, ele deve batizar a criança com água: que, pela maneira de fazê-lo, não é somente licito mas suficiente, e mais conveniente se for, pelo derramar ou aspergir de água na face da criança, sem adicionar qualquer outra cerimônia.

Isto feito, ele deve dar graças e orar, para o seguinte propósito ou algo semelhante:

Reconhecendo com toda gratidão, que o Senhor é verdadeiro e fiel em guardar pacto e misericórdia.

Que ele é bom e gracioso, não somente por acrescentar-nos entre os seus santos, mas se agrada em conceder sobre nossas crianças este singular sinal ou distintivo do seu amor em Cristo.

Que, na sua verdade e providência especial, ele diariamente traz alguns ao seio da sua igreja, para serem participantes dos seus inestimáveis benefícios, adquiridos pelo sangue do seu querido Filho, para a continuação e crescimento da sua igreja.

Pedir que o Senhor ainda continue, e diariamente confirme mais e mais este seu favor indizível.

Pedir que ele receba a criança agora batizada, e solenemente adentrada à família da fé, na sua defesa e instrução paternal, e a lembre com o mesmo favor que ele demonstrou ao seu povo:

Pedir que, se ele for tirado desta vida na sua infância, o Senhor, que é rico em misericórdia, fique satisfeito em recebê-lo na sua glória; e se ele viver, e alcançar os anos de discipulação, que o Senhor o ensine pela sua palavra e Espírito, e torne o seu batismo eficaz para ele, e assim o mantenha pelo seu divino poder e graça, para que pela fé ele prevaleça contra satanás, o mundo, e a carne, até que no fim obtenha uma vitória completa e final, e seja assim guardado pelo poder de Deus através da fé para salvação em Jesus Cristo nosso Senhor.

Sobre A Celebração Da Comunhão, ou Sacramento Da Ceia Do Senhor.

A comunhão, ou ceia do Senhor, deve ser celebrada freqüentemente; mas a freqüência, pode ser considerada e determinada pelos ministros, e outros governantes eclesiásticos de cada congregação, como acharem mais conveniente para o conforto e edificação do povo comissionado ao seu cuidado. E, quando ela for ministrada, julgamos ser conveniente que ela seja feita após o sermão matutino.

O ignorante e o reprovável não estão aptos a receber o sacramento da Ceia do Senhor.

Onde este sacramento não pode ser freqüentemente ministrado com conveniência, é exigido que advertência pública seja dada no dia-sabático que antecede a ministração; e que mesmo então, ou em algum dia daquela semana, algo concernente àquela ordenança, e preparação para o dia, e participação da mesma, sejam ensinados; que, pelo uso diligente de todos meios santificados por Deus para este fim, tanto em público como privado, todos venham melhor preparados para esta festa celestial.

Quando o dia da ministração chegar, o ministro, tendo terminado seu sermão e oração, fará uma breve exortação:

Expressando o inestimável benefício que temos por este sacramento, juntamente com os fins e uso do mesmo.

Expondo a grande necessidade de termos nossos confortos e força renovados desse modo nesta nossa peregrinação e guerra.

Quão necessário é que venhamos ao sacramento com conhecimento, fé, arrependimento, amor, e com almas famintas e sedentas por Cristo e seus benefícios.

Quão grande o perigo de comermos e bebermos indignamente.

A seguir, ele deve, no nome de Cristo, por um lado, advertir todos que são ignorantes, reprováveis, profanos, ou que vivem em qualquer pecado ou ofensa contra seus conhecimentos e consciências, que não se atrevam a vir àquela mesa santa;

mostrando a eles, que aquele que come e bebe indignamente, come e bebe juízo para si; e, por outro lado, de maneira especial ele deve convidar e encorajar todos que labutam sob o senso de lãrdio dos seus pecados, e medo da ira, e desejo de alcançar um maior progresso na graça do que já alcançou, para virem à mesa do Senhor; assegurando-os, no mesmo nome, descanso, refrigério, e força para suas almas fracas e abatidas.

Depois desta exortação, advertência, e convite, a mesa sendo antes coberta decentemente, e assim convenientemente colocada, para que os comungantes possam sentar ordenadamente ao redor, ou à mesa, o ministro deve começar a ação santificando e abençoando os elementos do pão e do vinho colocados perante ele, (o pão num recipiente belo e conveniente, assim preparado, para que, sendo quebrado por ele, e dado, possa ser distribuído entre os comungantes; o vinho também em grandes cálices), tendo primeiramente, em poucas palavras, demonstrado que aqueles elementos, outrora comuns, são agora separados e santificados para este santo uso, pela palavra de instituição e oração.

Que as palavras de instituição sejam lidas dos Evangelistas, ou da primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Coríntios 11:23: Eu recebi do Senhor, etc. até o verso 27, o qual o ministro pode, quando achar necessário, explicar e aplicar.

Que a oração, ação de graças, ou bênção do pão e vinho, sejam da seguinte forma:

Reconhecimento humilde e sincero da grandeza da nossa miséria, da qual nenhum homem ou anjo foi capaz de nos livrar, e de nossa grande indignidade da menor de todas as misericórdias de Deus.

Agradecimento a Deus por todos os seus benefícios, e especialmente pelo grande benefício da nossa redenção, o amor de Deus o Pai, os sofrimentos e méritos do Senhor Jesus Cristo o Filho de Deus, pelo qual fomos libertos;

Agradecimento por todos os meios de graça, a palavra e sacramentos;

Agradecimento por este sacramento em particular, pelo qual Cristo, e todos seus benefícios, são aplicados e selados em nós, os quais, não obstante a negação deles para os outros, estão em grande misericórdia continuada em nós, depois de tão intenso e longo abuso de todos eles.

Professar que não há outro nome abaixo do céu pelo qual podemos ser salvos, mas o nome de Jesus Cristo, somente pelo qual recebemos liberdade e vida, temos acesso ao trono de graça, somos admitidos a comer e beber à sua própria mesa, e somos selados pelo seu Espírito para uma segurança de alegria e vida eterna.

Ardentemente orar a Deus, o Pai de todas as misericórdias, e Deus de toda a consolação, para outorgar sua presença graciosa, e a obra eficaz do seu Espírito em nós; e assim santificar esses elementos ambos de pão e vinho, e abençoar a sua própria ordenança, para que recebamos pela fé o corpo e sangue de Jesus Cristo, crucificado por nós, e assim nos alimentarmos dele, para que ele seja um conosco, e nós um com ele; para que ele viva em nós, e nós nele, e para ele que nos amou, e se deu por nós.

Tudo isto ele deve se esforçar para executar com emoções adequadas, correspondentes a uma ação santa como esta, e promover o mesmo nas pessoas.

Os elementos estando agora santificados pela palavra e oração, o ministro, estando à mesa, deve tomar o pão na sua mão, e dizer, nestas expressões, (ou outras semelhantes, usadas por Cristo ou seu apóstolo nesta ocasião):

De acordo com a santa instituição, ordem, e exemplo de nosso bendito Salvador Jesus Cristo, eu tomo este pão, e, tendo dado graças, parto-o, e o dou a vós; (aí o ministro, que também deve comungar, deve partir o pão, e dá-lo aos comungantes;) Tomai, comei; este é o corpo de Cristo que é partido por vós: fazei isto em memória dele.

Semelhantemente o ministro deve tomar o cálice, e dizer, nestas expressões, (ou outras semelhantes, usadas por Cristo ou pelo apóstolo na mesma ocasião):

De acordo com a instituição, ordem, e exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, eu tomo este cálice, e vos dou (aqui ele dá aos

comungantes). Este cálice é a nova aliança no sangue de Cristo, que é derramado para remissão de pecados de muitos: bebei dele todo.

Depois de todos terem comungado, o ministro pode, em poucas palavras, colocá-las em mente, quanto a graça de Deus em Jesus Cristo é demonstrada neste sacramento; e exortá-los a andar dignos do mesmo.

O ministro deve dar graças solenes a Deus:

Pela sua rica misericórdia, e bondade inestimável, outorgada a eles naquele sacramento: e rogar por perdão pelos defeitos de todo culto, e pela graciosa assistência do seu bom Espírito, pela qual eles possam ser capacitados a andar na força daquela graça, como se tornam aqueles que tem recebido tão grandes penhores de salvação.

A coleta para os pobres deve ser ordenada, para que nenhuma parte do culto público seja obstruída.

Sobre a Santificação do Dia do Senhor.

O dia do Senhor deve ser lembrado de antemão, de tal forma que todos os negócios seculares de nossas vocações ordinárias possam ser ordenados, e na hora e estação certas serem colocados de lado, para que não sejam impedimentos à santificação do dia do Senhor.

O dia inteiro deve ser celebrado como santo ao Senhor, tanto pública como privadamente, como sendo o sábado cristão. Para o qual é exigido, que haja uma santa cessação ou descanso durante todo o dia, de todo trabalho desnecessário; e uma abstenção, não somente de todos os esportes e passatempos, mas também de todos pensamentos e palavras mundanas.

Que a alimentação naquele dia seja determinada de tal forma que nenhum servo seja desnecessariamente impedido de comparecer ao culto público a Deus, e nenhuma outra pessoa impedida de santificar aquele dia.

Que haja preparações privadas de cada pessoa e família, pela oração por si mesmos e pela assistência de Deus ao ministro abençoando seu ministério, e por

outros exercícios santos, de tal forma que posteriormente todos disponham a uma comunhão mais confortável com Deus na sua ordenança pública.

Que todas as pessoas se encontrem na mesma hora para a adoração pública, a fim de que toda a congregação possa estar presente desde o começo da solenidade, e, com um só coração, unirem-se solenemente em todas as partes do culto público, e não partirem até depois da benção.

Que o tempo que sobrar, entre, ou depois dos encontros solenes da congregação em público, sejam gastos na leitura, meditação, repetição dos sermões (especialmente chamando suas famílias para prestarem contas do que ouviram e serem catequizados), santas conferências, oração para uma benção sobre as ordenanças públicas, canto de salmos, visitação dos doentes, ajuda aos pobres, e funções semelhantes de piedade, caridade, e misericórdia, considerando o sábado um deleite.

A Celebração do Casamento.

Embora o casamento não seja um sacramento, nem peculiar à igreja de Deus, mas comum à humanidade, e de interesse público em todo estado, todavia, por que os que casam têm de casar no Senhor, e têm uma necessidade especial de instrução, direção, e exortação da palavra de Deus e da sua benção sobre eles, ao entrarem nessa nova condição, julgamos ser conveniente que o casamento seja celebrado por um fiel ministro da palavra, para que de acordo com a mesma, ele possa aconselhá-los, e rogar a benção de Deus sobre eles.

Casamento deve ser entre um homem e uma mulher somente, que não estejam no grau de consangüinidade ou afinidade proibida pela palavra de Deus, estejam na idade do discernimento, aptos a fazerem a sua própria escolha, ou, sobre bons fundamentos, dar seu mútuo consentimento.

Antes da celebração do casamento entre quaisquer pessoas, o propósito de se casarem deverá ser publicado pelo ministro por três dias-sabáticos, na congregação, no lugar ou lugares onde eles mais convivem, respectivamente. E sobre esta publicação o

ministro que deve uni-los em casamento deverá ter testemunho suficiente, antes que proceda para celebrar o casamento.

Antes desta publicação, se os nubentes forem menores de idade os oficiais eclesiásticos daquela congregação deverão ter o consentimento dos pais, ou outros sob a tutela de quem estão, (caso os pais estejam mortos), para ser registrado.

O mesmo deve ser observado no procedimento de todos outros para o seu primeiro casamento, mesmo sendo maiores de idade, e tendo os pais ainda vivos.

E, em casamentos posteriores de qualquer nubente, eles deverão ser exortados a não contrair matrimônio sem primeiro familiarizarem os pais com a idéia, (se com conveniência isto possa ser feito,) empenhando em obter o consentimento deles.

Os pais não devem forçar os seus filhos a casarem-se, nem negar o próprio consentimento sem justa causa.

Depois que o propósito ou contrato de casamento tenha sido publicado, o casamento não deve demorar muito. Portanto o ministro, tendo tido advertência conveniente, e nenhuma objeção havendo para impedi-lo, deve celebrá-lo publicamente no lugar apontado pela autoridade para pública adoração, perante um número competente de testemunhas dignas, numa hora conveniente do dia, em qualquer época do ano, exceto no dia de humilhação pública. E nós aconselhamos que não seja no dia do Senhor.

E porque todas as relações são santificadas pela palavra e oração, o ministro deve orar por uma benção sobre eles, da seguinte forma:

Reconhecendo nossos pecados, pelos quais temos nos tornado menos que a menor de todas as misericórdias de Deus, e o provocado para amargar todos nosso confortos; ardentemente, no nome de Cristo, suplicar ao Senhor (de quem a presença e o favor é a alegria de toda condição, e adoça toda relação) para ser sua porção, e para apropriar-se deles e aceitá-los em Cristo, que agora serão unidos no estado honorável do casamento, o pacto do seu Deus: e que, como ele tem os trazido juntos pela sua providência, ele os santifique pelo seu Espírito, dando a eles uma nova moldura de

coração adequada para o novo estado deles; enriquecendo-os com todas graças pelas quais eles possam executar suas tarefas, gozar os confortos, suportar os cuidados, e resistir as tentações que acompanham esta condição, como se tornam cristãos.

A oração tendo terminado, é conveniente que o ministro declare brevemente a eles, da escritura,

A instituição, o uso, e os fins do casamento, com as tarefas conjugais, que, em toda fidelidade, eles devem executar um para com o outro; exortando-os a estudar a santa palavra de Deus, para que aprendam a viver pela fé, e a estarem contentes em meio a todos os cuidados e problemas, santificando o nome de Deus, num uso agradecido, sóbrio, e santo de todos confortos conjugais; orando muito com e pelo outro; vigiando e provocando um ao outro ao amor e boas obras; e a viver juntos como herdeiros da graça da vida.

Depois de solene advertência aos presentes que estão perante o grande Deus, que perscruta todos corações, e a quem eles devem prestar contas no último dia, exigir deles que se qualquer um conhece qualquer razão, por contrato prévio ou outra coisa, pela qual não devem legitimamente prosseguir ao casamento, que seja agora revelada. O ministro (se nenhum impedimento for conhecido) deverá principalmente fazer o homem tomar a mulher pela mão direita, dizendo as seguintes palavras:

Eu N. tomo a ti N. para ser minha esposa, e prometo e pactuo, na presença de Deus, e perante esta congregação, ser um marido amoroso e fiel a ti, até que Deus nos separe pela morte.

Então a mulher deverá tomar o homem pela mão direita, e dizer as seguintes palavras:

Eu N. tomo a ti N. para ser meu marido, e prometo e pactuo, na presença de Deus, e perante esta congregação, ser uma esposa amorosa, fiel, e obediente a ti, até que Deus nos separe pela morte.

Então, sem qualquer outra cerimônia, o ministro deve, diante da congregação, pronunciá-los como marido e mulher,

de acordo com a ordenança de Deus; e assim concluir o ato com a seguinte oração:

Que o Senhor se deleite em acompanhar sua própria ordenança com a sua bênção, suplicando a ele que enriqueça as pessoas agora casadas, assim como com outros distintivos do seu amor, particularmente com os confortos e frutos do casamento, para o louvor da sua abundante misericórdia, em, e através de Jesus Cristo.”

Um registro deve ser guardado cuidadosamente, com os nomes dos nubentes, e data do seu casamento. Em seguida devidamente registrados num livro providenciado para este propósito para o exame público.

Acerca da Visitação ao Doente.

É tarefa do ministro ensinar as pessoas sob a sua tutela, não apenas publicamente, mas também privada e particularmente admoestar, exortar, reprová-las, e confortar, em todas as ocasiões oportunas, até que seu tempo, força, e segurança pessoal assim o permitam.

Ele deve admoestá-los, em tempo de saúde, para prepará-los para a morte, e, para este propósito, eles deverão frequentemente consultar com seu ministro acerca do estado de suas almas; e, em tempos de enfermidade, desejar seu conselho e ajuda, a tempo e oportunamente, antes que a sua força e entendimento falhem.

Tempos de doença e aflição são oportunidades especiais dadas por Deus para ministrar uma palavra oportuna para almas abatidas, pois as consciências dos homens são ou deveriam ser mais despertadas para refletirem sobre seu estado espiritual para a eternidade. Satanás tira vantagem sobre carregando-os com tentações pesadas e doloridas. Portanto, o ministro, sendo enviado para cuidar do doente, deve se empenhar com toda ternura e amor, para ministrar algum bem espiritual para a sua alma.

Ele pode, considerando a presente enfermidade, instruí-lo com a escritura, de que doenças não vêm fortuitamente, ou apenas por indisposição do corpo, mas pela sábia e ordenada condução da boa mão de

Deus. E que, quer tenha sido derramada sobre ele devido a desprazer por pecado, para sua correção e disciplina, ou para exame e exercício das suas graças, ou por outros fins especiais e excelentes, todos os seus sofrimentos se tonarão para o seu lucro; e cooperarão para o seu bem, se o enfermo trabalhar sinceramente para fazer uso santificado da visitação de Deus, nem desprezando a sua punição, nem abater-se por sua correção.

Se o ministro suspeitar de ignorância no enfermo, ele deverá examiná-lo nos princípios de religião, especialmente tocando em arrependimento e fé; e, enquanto houver motivo, instruí-lo quanto a natureza, o uso, a excelência, e a necessidade dessas graças e, também, quanto ao pacto da graça, de Cristo o Filho de Deus, o Mediador deste pacto, e, ainda, sobre a remissão de pecados pela fé nele.

O ministro deverá exortar a pessoa doente a examinar-se a si mesmo, a perscrutar seus caminhos anteriores, e seu estado diante de Deus.

E se qualquer pessoa expuser qualquer receio, dúvida, ou tentação que esteja sofrendo, instruções e resoluções deverão ser dadas para satisfazê-lo e acalmá-lo.

Se parecer que ele não têm um senso correto dos seus pecados, deverão se fazer tentativas para convencê-lo dos seus pecados, da culpa e abandono deles; da imundície e poluição que a alma contrai com eles; e da maldição da lei, e ira de Deus, devido a estes pecados; para que seja verdadeiramente afetado e humilhado por eles. E além disso tornar conhecido o perigo de prorrogar o arrependimento, e de negligenciar salvação oferecida a qualquer hora; para acordar sua consciência, e levantá-la de uma condição estúpida e presunçosa, para compreender a justiça e ira de Deus, diante do qual ninguém pode permanecer, senão aquele que, perdido em si mesmo, segura-se em Cristo pela fé.

Se ele tem tentado andar em caminho de santidade, e servir a Deus em retidão, embora não sem muitas falhas e enfermidades; ou, se seu espírito estiver quebrantado com o senso de pecado, ou sobrepujado pela necessidade do favor de

Deus; então será apropriado levantá-lo, colocando diante dele a liberdade e plenitude da graça de Deus, a suficiência da retidão em Cristo, as ofertas graciosas no evangelho, para que todo o que arrepende-se, e crer com todo o seu coração na misericórdia de Deus por meio de Cristo, renunciando a sua própria justiça, tenha vida e salvação nele.

Pode também ser útil mostrar ao doente, que a morte em si mesma não tem mal espiritual para ser temido por aqueles que estão em Cristo, porque o pecado, que é o ferrão da morte, foi retirado por Cristo, que libertou todos que são seus do cativeiro do medo da morte, triunfou sobre o tumulto, dando-nos vitória.

Ele mesmo entrou em glória para preparar um lugar para o seu povo: para que nem a vida nem a morte possam separá-los do "amor de Deus em Cristo", em quem seu povo está seguro, embora neste momento tenha de ser arrastado no pó, para obter uma gloriosa e feliz ressurreição para a vida eterna.

Conselho também pode ser dado, quando a tomarem cuidado com a persuasão má-alicerçada sobre misericórdia, ou sobre a bondade da sua condição para o céu, para renunciar todo mérito em si mesmo, e para lançar-se totalmente sobre Deus por misericórdia, na mediação e méritos somente de Cristo Jesus, que tem se engajado para nunca expulsar aqueles que em verdade e sinceridade vem a ele.

Cuidado deve ser tomado também, para que o doente não seja lançada em desespero por uma apresentação tão severa da ira de Deus, devido os seus pecados, que não seja mitigado por uma apresentação dos mérito de Cristo como esperança para o fiel penitente.

Quando a pessoa doente estiver mais tranqüila e puder ser incomodada, e outros ofícios necessários acerca dele menos escondidos, o ministro, se desejar, deverá orar com ele, e por ele, da seguinte forma:

Confessando e lamentando o pecado original e atual;

a miserável condição de todos por natureza, como sendo filhos da ira, e sob a maldição:

reconhecendo que todas as doenças, enfermidades, a morte, e o inferno, são as questões e os efeitos resultantes disso;

implorando a misericórdia de Deus para a pessoa doente, através do sangue de Cristo;

Suplicando que Deus que:

abra os seus olhos, descubra os seus pecados, faça que está perdido enquanto confiar em si mesmo,

torne conhecida dele a causa por Deus o ter atingido,

revele Jesus Cristo à sua alma para justiça e vida,

dê a ele seu Espírito Santo, para criar e fortalecer a fé com que se firma em Cristo,

para trabalhar nele evidências confortáveis do seu amor,

para armá-lo contra tentações,

para tirar o seu coração do mundo,

para santificar sua presente visitaçào,

para forrá-lo com paciência e força de modo que suporte, e tenha perseverança na fé até o fim.

De tal modo que, se Deus se agradar em aumentar os seus dias, conceda abençoar e santificar todos os meios de sua recuperação. Remova a doença, renove suas forças, e capacite-o a andar digno de Deus, por uma fiel lembrança, e diligente observância de tais votos e promessas de santidade e obediência, como os homens são aptos a fazer em tempos de enfermidade, para que possa glorificar Deus na parte restante de sua vida.

E, se Deus determinou terminar os seus dias pela presente visitaçào, que ele encontre evidência do perdão de todos os seus pecados, dos seus lucros em Cristo, e da vida eterna por Cristo, para tornar o seu homem interior renovado, enquanto o seu homem exterior apodrece;

que ele enfrente a morte sem medo, lançando-se totalmente sobre Cristo sem dívidas, desejando estar com Cristo, e assim receber

o fim da sua fé, a salvação da sua alma, através dos méritos e intercessão somente do Senhor Jesus Cristo, nosso único Salvador e todo-suficiente Redentor.

O ministro deverá admoestá-lo também (quando houver necessidade) a colocar a sua casa em ordem, para prevenir contra inconveniências; a pagar as suas dívidas, e a fazer restituição ou satisfação onde quer que tenha feito qualquer mal; a reconciliar-se com aqueles com quem ele tem tido desavença, e totalmente perdoar todos os delitos dos homens contra ele, como ele espera perdão da mão de Deus.

Por último, o ministro pode aproveitar a presente ocasião para exortar os que estão ao redor do doente a considerarem sua própria mortalidade, a voltarem-se para o Senhor, e fazerem paz com ele enquanto estão com saúde de modo a prepararem-se para doença, morte, e juízo; e a esperar todos os dias do seu tempo determinado até venha a mudança, quando Cristo, que é a nossa vida, aparecer, eles venham com ele em glória.

Acerca do Sepultamento dos Mortos.

Quando qualquer pessoa deixa esta vida, o corpo morto, no dia do sepultamento, deve ser decentemente cuidado desde a casa até o lugar designado para o sepultamento público, e ali seja imediatamente enterrado, sem qualquer cerimônia.

Como o costume de ajoelhar-se, e orar pelo e em direção ao cadáver morto, e outros usos semelhantes, no lugar onde permanece antes de ser carregado ao sepultamento, são supersticiosos;

Como a oração, leitura, e canto, tanto indo para o túmulo quanto no túmulo, tem sido repulsivamente abusados, não beneficiam o morto, e tem demonstrado ser muito dolorosos aos vivos;

Tais coisas sejam deixadas de lado.

Contudo, julgamos ser muito apropriado, que os amigos cristãos, que acompanham o cadáver ao lugar designado para o sepultamento público, se envolvam em meditações e conferências apropriadas à ocasião; e que o ministro, como em outras ocasiões, também nesta hora, se estiver presente, os lembre de sua tarefa.

Que isto feito no sepultamento não aumente ou diminua quaisquer respeitos ou honras civis apropriadas à posição e a condição do falecido enquanto ele estava vivendo.

Acerca do Jejum Público Solene.

Quando alguns julgamentos grandes e notáveis são ou infligidos sobre um povo, ou sejam aparentemente eminente, ou por algumas provocações extraordinárias notoriamente merecidas; como também quando alguma benção especial deve ser buscada e obtida, jejum público solene (que deve continuar o dia inteiro) é um dever que Deus espera daquela nação ou povo.

Um jejum religioso exige total abstinência, não somente de toda comida, (a não ser que a fraqueza corporal claramente impossibilite de continuar até o final do jejum, sendo assim deve-se comer algo, contudo mui escassamente, para suportar a natureza, quando estiver pronta a desmaiar), mas também de todo trabalho, conversas, e pensamentos mundanos, e de toda delícia do corpo, e coisas semelhantes, (mesmo que sejam licitas em outros momentos), de ornamentos e vestimentas luxuosas, e coisas semelhantes, durante sua duração; e muito mais do que está na natureza ou uso escandaloso e ofensivo, como adornos pomposos, hábitos e gestos lascivos, e outras vaidades de ambos os sexos; os quais nós recomendamos a todos ministros, nos seus lugares, que reprovem diligente e zelosamente, como em outros tempos, assim especialmente num jejum (sem deferência especial a qualquer pessoa), na ocasião oportuna.

Antes do encontro público, cada família e pessoa separadamente deve usar de forma privada todos os cuidados religiosos de modo a preparar seus corações para tal obra solene, e para estarem cedo na congregação.

Assim, uma grande parte do dia como convier, deve ser gasta em leitura pública e pregação da palavra, com canto de salmos, adequados para estimular emoções apropriadas para tal tarefa: mas especialmente em oração, assim ou semelhantemente;

1. Dando glórias à grande Majestade de Deus, o Criador, Preservador, e supremo Governador de todo mundo, da melhor maneira possível para nos afetar desse modo com uma reverência e admiração santas dele;
2. reconhecendo suas múltiplas, grandes, e ternas misericórdias, especialmente para a igreja e nação, da maneira mais eficaz para amolecer e humilhar nossos corações diante dele;
3. com humilde confissão de pecados de todo tipo, com seus muitos agravantes;
4. justificando os retos juízos de Deus, como sendo muito menos que nossos pecados merecem;
5. entretanto implorando humilde e ardentemente pela sua misericórdia e graça para nós, a igreja e nação, pelo nosso rei, e todos em autoridade, e por todos os outros por quem devemos orar, (de acordo com o que a presente urgência exige,) com mais importunidade e louvores especiais do que de outras vezes;
6. aplicando pela fé as promessas e bondade de Deus para perdão, ajuda, e livramento dos males sentidos, temidos, ou merecidos;
7. e para obter as bênçãos que precisamos e esperamos;
8. juntamente com uma negação completa de nós mesmos e aceitação eterna ao Senhor.

Em todos, os ministros, que são as bocas do povo para Deus, devem falar dos seus corações, sobre a premeditação séria e completa deles, para que tanto eles mesmos como seu povo seja muito afetado, e quebrantados; especialmente tristes por seus pecados; para que realmente seja um dia de profunda humilhação e aflição da alma.

Escolha especial deve ser feita das escrituras para serem lidas, e de tais textos para pregação, para que melhor possa trabalhar o coração dos ouvintes para o assunto especial do dia, e melhor dispô-los a humilhação e arrependimento: insistindo naqueles particulares que a experiência e

observação de cada ministro mostre que são muito propícios à edificação e reforma daquela congregação para a qual ele prega.

Antes do término das tarefas públicas, o ministro deve, em seu nome e em nome do povo, engajar o seu coração e coração deles para serem do Senhor, com resolução e propósito professos de reformar o que estiver errado entre eles, e mais particularmente aqueles pecados dos quais forem mais culpados; de aproximarem-se de Deus, e andarem mais próximo e fielmente em nova obediência, do que faziam antes.

Ele deve admoestar o povo, com toda importunidade,

1. que o trabalho daquele dia não termine com as tarefas públicas do mesmo dia, mas que possam assim melhorar tanto o resto do dia, quanto o resto de suas vidas, reforçando sobre si mesmos e suas famílias em particular todas aquelas afeições e resoluções divinas que eles professaram em público.

2. que possam se ajustar em seus corações para sempre, e de forma mais sensível descobrir que Deus lhes providenciou um doce salvador em Cristo e está propício a eles pela graça, perdoadando pecado, removendo juízos, afastando ou prevenindo pragas, e concedendo bênçãos, de acordo com as condições e orações do seu povo, por Jesus Cristo.

Além de jejuns solenes e gerais intimado pelas autoridades, julgamos que, em outros momentos as congregações podem manter dias de jejum e, conforme a providência divina, dedicá-los ocasião especial; o mesmo pode ocorrer com famílias, desde que não seja nos dias onde a congregação da qual eles fazem parte deva encontrar-se para jejum, ou outras tarefas públicas de adoração.

Sobre a Observância dos Dias Públicos de Ação de Graças.

Quando qualquer dia como esse for guardado, que um aviso seja dado do mesmo, e da ocasião, com bom tempo de antecedência, para que as pessoas possam se preparar melhor para tal dia.

Tendo o dia chegado, e a congregação (depois de preparações privadas) se reunido, o ministro deve começar com uma palavra de exortação, para encorajar as pessoas a cumprirem a tarefa que lhes foi concedida, e com uma breve oração pela assistência e bênção de Deus, (como em outras ocasiões de adoração pública) de acordo com a ocasião particular da reunião.

Que ele então faça uma narração enérgica do livramento obtido, ou misericórdia recebida, ou de qualquer coisa que ocasionou a reunião da congregação, para que todos possam entender melhor, ou estar cientes, e mais afetados por isso.

E, pelo fato de cantar o salmos ser a ordenança mais apropriada de todas para expressar gozo e ação de graças, que algum salmo ou salmos pertinentes sejam cantados para este propósito, antes ou depois da leitura de alguma porção da palavra adequada à presente situação.

Então o ministro, que deve pregar, prossiga na exortação e oração antes do seu sermão, com referência especial à obra presente: depois da qual, ele deve pregar sobre algum texto da Escritura pertinente à ocasião.

Tendo o sermão terminado, que ele não apenas ore, como é instruído que seja feito em outras ocasiões após a pregação, com lembrança das necessidades da Igreja, Rei, e Estado (se antes do sermão eles forem omitidos) mas aplique-se em agradecimento adequado e solene pelos livramentos e misericórdias prévios; mais especialmente por aquilo que no presente os reúne: com humilde petição pela continuação e renovação das misericórdias costumeiras de Deus, de acordo com a necessidade, e pela graça santificadora para fazer bom uso disso. E assim, tendo cantado um outro salmo, próprio de misericórdia, que ele despeça a congregação com uma bênção, para que eles tenham tempo suficiente para alimentarem-se e revigorarem-se.

O ministro (antes de despedi-los) deve solenemente admoestá-los quanto a excessos e intemperanças, pendendo para a glotonaria e bebedice, e muito mais desses próprios pecados, no seu comer e beber, e tomarem cuidado para que o seu júbilo e

regozijo não seja carnal, mas espiritual, que possa fazer o louvor de Deus ser glorioso, e a si mesmos humildes e sóbrios; e que tanto o seu alimentar como o regozijar retribua-os com alegria e engrandecimento, mais tarde para celebrar seus louvores no meio da congregação, na parte que resta do dia.

Quando a congregação novamente se reunir, o mesmo processo de oração, leitura, pregação, cantar de salmos, e oferecimento de mais louvor e ação de graças, anteriormente dirigido pela manhã, deve ser renovado e continuado, enquanto o tempo permitir.

Em uma ou ambas reuniões públicas do dia, uma coleta deve ser feita para os pobres, (e semelhantemente no dia da humilhação pública,) para que sua descendência possa nos bendizer, e regozijarem-se conosco. E as pessoas devem ser exortadas, no final da última reunião, a gastar o restante daquele dia em tarefas santas, e testemunhos do amor e caridade cristãos uns para com os outros, regozijando mais e mais no Senhor; como se tornam aqueles que fazem da alegria do Senhor a sua força.

Sobre o Canto de Salmos.

É tarefa do cristão louvar a Deus publicamente, cantando salmos, juntos, na congregação, e também privadamente na família.

No canto de salmos, a voz deve ser afinada e gravemente proferida; mas a principal preocupação deve ser cantar com entendimento, e com graça no coração, fazendo melodia para o Senhor.

Para que toda a congregação possa juntar-se nisto, cada um que pode ler deve ter um livro de salmos; e todos os demais, não sendo incapacitados pela idade ou outra coisa, devem ser exortados a aprender a ler. Mas onde muitos da congregação não podem ler, é conveniente que o ministro, ou alguma pessoa apropriada, indicada por ele e os outros oficiais regentes, leia o salmo, linha por linha, antes de cantá-lo.

UM APÊNDICE - Quanto a Dias e Lugares para Pública Adoração.

Não há dia exigido na escritura para ser guardado santo sob o evangelho a não ser o dia do Senhor, que é o sábado cristão.

Dias festivos, vulgarmente chamados Dias-santos, tendo nenhuma garantia na palavra de Deus, não devem ser continuados.

Todavia, é legítimo e necessário, sobre ocasiões emergentes especiais, separar um dia, ou dias, para o jejum ou ação de graças pública, como as muitas dispensações iminentes e extraordinárias da providência de Deus ministrarão causa e oportunidade para o seu povo.

Como nenhum lugar é capaz de qualquer santidade, sob pretensão de qualquer dedicação ou consagração; assim nenhum está sujeito a tal poluição por qualquer superstição anteriormente usada, e agora colocada de lado, que possa torná-lo ilícito ou inconveniente para cristãos se encontrarem nele para a pública adoração de Deus. E por isso nós requisitamos, que os lugares de pública reunião para adoração entre nós devam ser continuados e empregados para tal uso.

Tradução: Seminarista Heber C. Campos Jr. e Professora
Mara Lúcia Estêvão. *Compilação e notas explicativas*. Rev. Fúlton
Nogueira da Silva

Diretório Litúrgico de Westminster

Sobre o Congregar da Congrega- ção, e o Comportamento na Pública Adoração a Deus.

Quando a congregação se reúne para a adoração pública, as pessoas (tendo anteriormente preparado os seus corações para tal) devem, todas, vir e fazer parte; sem se ausentarem das ordenanças públicas por negligência, ou por desculpa de reuniões privadas.

Que todos entrem na assembleia, não irreverentemente, mas de forma decente e solene, tomando os seus assentos ou lugares sem adorar, ou curvar-se em direção a um lugar ou outro.

Estando reunida a congregação, o ministro, após solene chamamento dos cristãos à adoração do grande nome de Deus, deve começar com oração.

"Em toda reverência e humildade, reconhecendo a incompreensível grandeza e majestade do Senhor, (o qual diante da sua presença, eles comparecem de forma especial) e a própria vileza e indignidade deles para aproximar tanto dele, com sua total incapacidade para tão grande obra; e humildemente implorando a ele por perdão, assistência, e aceitação, em todo o culto que então será realizado, e por uma bênção sobre aquela porção específica da palavra que então será lida: E tudo no nome e na mediação do Senhor Jesus Cristo."

Tendo começado a adoração pública, as pessoas devem acompanhar integralmente, evitando ler qualquer coisa, exceto o que o ministro está então lendo ou citando; e abstendo-se muito mais de todo o cochicho sobre assuntos particulares, conversação, cumprimento, ou reverência a qualquer pessoa que esteja presente ou entrando; também de toda distração, dormir, e outros comportamentos indecentes que possam perturbar o ministro ou as pessoas, ou atrapalhar a si mesmos ou outros no culto a Deus.

Se por alguma necessidade, alguém for impedido de estar presente no começo, tal pessoa não deve, ao entrar, aplicar-se em devoções privadas. Mas reverentemente

se compor para unir-se à assembleia na ordenança de Deus que está então sendo realizada.

Sobre a Leitura Pública das Sagradas Escrituras.

A leitura da palavra na congregação, sendo parte da pública adoração a Deus, (onde nós reconhecemos nossa dependência dele, e sujeição a ele,) e um meio santificado por Ele para a edificação do seu povo, deve ser executada por pastores ou professores.

Entretanto, como é próprio do ministério, ambos podem ocasionalmente lerem a palavra, e exercitar os seus dons em pregação na congregação, se permitido pelo presbitério.

Todos os livros canônicos do Velho e Novo Testamento (mas nenhum daqueles que são comumente chamados *Apócrifos*) devem ser lidos publicamente na língua popular, na melhor tradução disponível, distintamente, para que todos possam ouvir e entender.

O quanto deve ser lido de uma vez, é deixado à mercê da sabedoria do ministro; mas é conveniente, que ordinariamente um capítulo de cada Testamento seja lido em cada reunião; e às vezes mais, quando os capítulos forem curtos, ou a coerência da questão requeira.

É requisito que todos os livros canônicos sejam lidos em ordem, para que as pessoas possam estar melhor familiarizadas com todo o corpo das escrituras; e ordinariamente, quando a leitura de qualquer Testamento acabar no dia do Senhor, deve-se começar o próximo.

Nós também recomendamos a leitura mais freqüente daqueles textos que sejam mais adequados à situação em que os ouvintes precisem ser particularmente edificados, como o livro dos Salmos, e outros tais.

Quando o ministro que lê julgar necessário expor qualquer parte do que foi lido, não faça até que o capítulo inteiro ou salmo termine; e consideração deve ser dada ao tempo, para que nem a pregação, nem outras ordenanças sejam encurtadas, ou tornadas cansativas. Tal regra deve ser

observada em todas as outras realizações públicas.

Além da leitura pública das sagradas escrituras, cada pessoa que pode ler, deve ser exortada a ler as escrituras particularmente, (e todos os outros que não podem ler, se não forem incapacitados pela idade, ou outra coisa, da mesma forma devem ser exortados a aprenderem a ler,) e ter uma Bíblia.

Sobre a Oração Pública antes do Sermão.

Depois da leitura da palavra, (e de cantar o salmo,) o ministro que está para pregar, deve se empenhar para tornar o coração dos seus ouvintes e o seu próprio coração afetado com os seus pecados, de modo que todos lamentem isto perante o Senhor, e tenham fome e sede da graça de Deus em Jesus Cristo, procedendo a uma mais completa confissão do pecado, com vergonha e santa perplexidade estampadas na face, e clamar ao Senhor para este efeito:

"Reconhecer nossa grande pecaminosidade, primeiro, por causa do pecado original, que (além da culpa que nos torna sujeito à condenação eterna) é a semente de todos os outros pecados, tem deprimido e envenenado todas as faculdades e poderes da alma e corpo, poluí as nossas melhores ações, e (se não fosse impedido, ou nossos corações renovados pela graça) desencadeia inúmeras transgressões, e maiores rebeliões contra o Senhor do que as que já foram cometidas pelos mais vis filhos de homens;

A seguir, por causa dos pecados atuais: nossos próprios pecados, os pecados de magistrados, de ministros, e de toda nação, os quais nós somos de muitas formas acessórios. Alguns pecados nossos recebem muitas agravações temíveis, quando quebramos todos os mandamentos da santa, justa, e boa lei de Deus, fazendo o que é proibido, ou não fazendo o que está prescrito, e isto não somente por ignorância ou fraqueza, mas também mais presunçosamente, contra a luz de nossas mentes, o revistar de nossas consciências, e movimentos do seu próprio Espírito Santo em direção contrária, de forma que não temos desculpas para nossos pecados.

Assim, não somente desprezando as riquezas da bondade de Deus, longanimidade, paciência, mas opondo-nos aos muitos convites e ofertas da graça no evangelho, não nos esforçando, como devemos, para receber Cristo nos nossos corações pela fé, ou andar dignamente dele nas nossas vidas."

"Chorar nossa cegueira de mente, dureza de coração, incredulidade, impenitência, segurança, indiferença, aridez, o não nos empenharmos para uma mortificação e novidade de vida, nem para o exercício da piedade no poder de tal. Que não temos andado tão firmemente com Deus, mantido nossas vestiduras tão sem mancha, nem sido tão zelosos pela sua glória, ou pelo bem dos outros, como devemos; e lamentar por outros pecados dos quais a congregação é particularmente culpada, não obstante as múltiplas e grandes misericórdias de nosso Deus, o amor de Cristo, a luz do evangelho, a reforma da religião, nossos próprios propósitos, promessas, votos, pacto solene, e outras obrigações especiais que nos apontam o oposto."

"Reconhecer e confessar que, como somos convencidos da nossa culpa, assim desse profundo sentimento, nós julgamos a nós mesmos indignos dos menores benefícios, merecedores da mais terrível ira de Deus, e de todas as maldições da lei, e os mais pesados juízos infligidos sobre o pecador mais rebelde; e que ele pode justamente tirar de nós o seu reino e evangelho, castigar-nos com todo tipo de juízos espirituais e temporais nessa vida, e depois lançar-nos à escuridão total, no lago que queima com fogo e enxofre, onde há gemidos e ranger de dentes eternamente."

"Sem embargo, tudo que serve para nos aproximar do trono da graça, nos encorajando com esperança de uma resposta graciosa de nossas orações, nas riquezas e auto-suficiência daquele único sacrifício, a satisfação e intercessão do Senhor Jesus Cristo, à direita do seu Pai e nosso Pai; e na confiança das excedentemente grandes e preciosas promessas de misericórdia e graça no novo pacto, através do mesmo Mediador, deprecar a pesada ira e maldição de Deus, que não somos capazes de evitar, ou suportar; e humilde e ansiosamente suplicar por misericórdia, na livre e total remissão de todos os nossos pecados, e isto somente pelos sofrimentos amargos e méritos preciosos do nosso único Salvador Jesus Cristo."

"Que o Senhor derrame seu amor nos nossos corações pelo Espírito Santo; sele-nos, pelo mesmo Espírito de adoção, com a total garantia do nosso perdão e reconciliação; conforte todos que lamentam em Sião, profere paz aos espíritos feridos e pesarosos, e ate o coração partido.

Quanto aos pecadores seguros e presunçosos, que Ele abra seus olhos, convença as suas consciências, transporte-os das trevas para luz, do poder de satanás para Si próprio, a fim de que recebam perdão dos pecados, e uma herança entre os que são santificados pela fé em Cristo Jesus."

"Confiados na remissão de pecados pelo sangue de Cristo, orar pela nossa santificação pelo seu Espírito; pela mortificação do pecado que habita em nós e muitas vezes nos domina; pelo vivificar dos nossos espíritos mortos com a vida de Deus em Cristo; para que a graça nos ajuste e capacite a todos os deveres para com Deus e para com os homens; por força contra tentações; pela uso santificado de bênçãos e cruzeiros¹; e pela perseverança na fé e obediência até o fim."

"Orar pela propagação do evangelho e reino de Cristo para todas as nações; para a conversão dos Judeus, a plenitude dos Gentios, a queda do Anticristo, e o apressar da segunda vinda de nosso Senhor; pelo livramento das igrejas afligidas espalhadas pela superfície da terra da tirania da facção anticristã, e das blasfêmias e opressões cruéis do Turco²; pela bênção de Deus sobre as igrejas reformadas, especialmente sobre as igrejas e reinos da Escócia, Inglaterra, e Irlanda, agora mais estrita e religiosamente unidas no Pacto e Liga Nacionais Solenes; e pelas nossas missões nas partes remotas do mundo: mais em particular por aquela igreja e reino dos quais somos membros, que lá Deus estabeleça paz e verdade, pureza em todas suas ordenanças, e o poder da piedade; previna e remova heresias, cismas, profanações, superstições, "segurança e infrutividade"³ sobre os meios da graça; cure todas nossas cisões e divisões, e preserve-nos da ruptura do nosso Pacto Solene."

"Orar por todos em autoridade, especialmente pela Majestade do Rei; que Deus o

torne rico em bênçãos, tanto sobre a sua pessoa quanto sobre seu governo;

Que ele estabeleça seu trono sobre a religião e a retidão, livre-o de conselho maligno, e torne-o um instrumento abençoado e glorioso para a conservação e propagação do evangelho, para o encorajamento e proteção dos que fazem o bem, terror de todos que praticam o mal, e para o grande bem de toda igreja, e de todos os seus reinos;

Pela conversão da Rainha, a educação religiosa do Príncipe, e do restante da semente real;

Pelo conforto da aflita Rainha da Boêmia, irmã da nossa Soberana; e pela restituição e estabelecimento do nosso ilustre Príncipe Charles, Eleitor Palatino do Reno, sobre todos seus domínios e dignidades;

Por uma bênção sobre a Alta Corte do Parlamento, (quando estabelecida sobre qualquer desses reinos respectivamente,) a nobreza, os magistrados e juizes subordinados, a classe logo abaixo da nobreza, e sobre o povo comum;

Por todos pastores e professores, que Deus os encha com Seu Espírito, os torne exemplarmente santos, sóbrios, justos, pacificadores, e benignos nas suas vidas; sãos, fiéis, e poderosos nos seus ministérios; e acompanhe todo o trabalho deles com abundância de sucesso e bênçãos; e dê a todo o Seu povo pastores segundo o seu próprio coração;

Pelas universidades, e todas escolas e seminários religiosos da igreja e do Estado, que elas possam florescer mais e mais no aprendizado e piedade;

Pela cidade ou congregação em particular, que Deus derrame uma bênção sobre o ministério da palavra, dos sacramentos, e disciplina, sobre o governo civil, e todas as muitas famílias e pessoas que fazem parte de tal;

Por misericórdia ao aflito debaixo de desolação interior ou exterior;

Por clima próprio a cada estação, e colheitas de acordo com o seu devido tempo;

Pela supressão dos juizes que sentimos ou tememos, ou a que estamos sujeitos, tais como fome, peste, a espada, e outros que tais."

¹ NT: Provavelmente refira-se ao uso de cruzeiros ou "parisnações": Práticas que não adoramos e, em alguns casos, até censuramos.

² NT: Seria hoje o equivalente ao "muçulmanismo"?

³ NI: Provavelmente se refira ao cret na eficácia "ex opera operato", ou ao descaso dos meios da graça, especialmente dos sacramentos.

"E, com confiança na Sua misericórdia para com toda igreja, e a aceitação de nossas pessoas, através dos méritos e meditação do nosso Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus, professemos que é desejo de nossas almas ter comunhão com Deus no uso consciente e reverente das suas santas ordenanças; e, para tal propósito, oremos ardentemente pela sua graça e assistência eficiente a fim de santificarmos seu santo dia de descanso, o dia do Senhor, em todos os deveres, públicos e privados, nós e todas as outras congregações do Seu povo, em que segundo as riquezas e excelências do evangelho, este dia é celebrado e desfrutado."

"É porque temos sido ouvintes inúteis no passado, e agora não podemos por nós mesmos receber, como devemos, as coisas profundas de Deus, os mistérios de Jesus Cristo, que requerem um discernimento espiritual, peçamos ao Senhor, que nos ensina a desfrutar, graciosamente deleite-se no derramar do Espírito de graça, juntamente com os meios externos desta, fazendo com que atinjamos uma medida tal da excelência e do conhecimento de Cristo Jesus nosso Senhor, e, nele, das coisas que pertencem à nossa paz, que possamos considerar todas as coisas como escória em comparação a ele;

Que nós, experimentando os primeiros frutos da glória que está pra ser revelada, tenhamos anseio por uma comunhão mais perfeita e repleta com ele, para que onde ele estiver, nós possamos estar também, e gozar da plenitude daqueles prazeres e alegrius que estão na sua mão direita para sempre."

"Mais em particular, que Deus de forma especial forneça seu servo (agora chamado para dispensar o pão da vida à sua família) com sabedoria, fidelidade, zelo, e elocução, para que possa dividir a palavra de Deus corretamente, a cada um sua porção, na evidência e demonstração do Espírito e do poder; e que o Senhor circuncide as orelhas e corações dos ouvintes, para ouvir, amar, e receber com mansidão a palavra gravada, que é apta para salvar as suas almas; torná-los como boa terra para receber a boa semente da palavra, e fortalecê-los contra as tentações de Satanás, os cuidados do mundo, a dureza de seus próprios corações, e contra tudo mais que possa impedir o ouvir salvador e proveitoso deles; que assim Cristo possa estar tão formado neles, e viver neles, que todos os seus pensamentos sejam trazidos ao catifeiro da obediência

de Cristo, e seus corações estabelecidos em toda boa palavra e obra para sempre."

Julgamos ser esta uma ordem conveniente, na costumbre oração pública; contudo, o ministro pode diferir (em prudência o que for necessário) alguma parte dessas petições até depois do sermão, ou oferecer a Deus alguma gratidão daqui em diante apontada, na sua oração antes do sermão.

Sobre a Pregação da Palavra.

A pregação da palavra, sendo o poder de Deus para a salvação, e um dos maiores e mais excelentes trabalhos pertencentes ao ministério do evangelho, deve ser executada, de tal forma que o obreiro não se envergonhe, mas salve a si mesmo, e aqueles que o ouvem.

Pressupomos, de acordo com as regras da ordenação, que o ministro de Cristo é em alguma medida dotado para tarefa tão pesada, pela sua habilidade nas linguas originais, e em tais artes e ciências que são servas ciências divinas; pelo seu conhecimento de todo corpo de teologia, mas acima de tudo das Sagradas Escrituras, tendo seus sentidos e coração exercitados nos mesmos, em nível mais elevado que dos fiéis comuns, e pela iluminação do Espírito de Deus, e outros dons de edificação, que (juntamente com a leitura e estudo da Palavra) ele deva ainda buscar em oração, e com um coração humilde, resolvendo admitir e receber qualquer verdade ainda não alcançada, quando Deus tornar conhecido a ele. De tudo isto ele deve fazer uso, e progredir nas suas preparações em particular, antes de dizer em público o que ele providenciou.

Ordinariamente, o assunto do seu sermão deve ser algum texto da escritura, expondo algum principio, tema religioso, ou assunto apropriado a alguma ocasião especial em pauta; ou ele pode usar algum capítulo, salmo, ou livro da santa escritura, como ele achar adequado.

Que a introdução do seu texto seja breve e perspicaz, tirada do próprio texto, ou contexto, ou algum lugar paralelo, ou frase geral da escritura.

Se o texto for longo, (como as histórias ou parábolas algumas vezes são,) que ele dê um resumo deste; se for curto, que parafraseie, se necessário. Em ambos os casos, olhando diligentemente para a esfera de ação do texto, e apontando para os principais tópicos e sustentáculos de doutrina que ele deve tirar do texto.

Analisando e dividindo o seu texto, ele deve considerar mais a ordem do assunto do que das palavras; e não deve embaraçar a memória dos ouvintes no início com muitas partes divisórias, nem confundir suas mentes com termos obscuros de arte.

Ao tirar doutrinas do texto, seu cuidado deve ser, *primeiramente*, que o assunto seja a verdade de Deus. *Em segundo lugar*, que seja uma verdade contida ou sustentada naquele texto, para que os ouvintes possam discernir como Deus a ensina no texto. *Em terceiro lugar*, que ele insista principalmente naquelas doutrinas que são principalmente intencionadas, e aproveitar ao máximo para a edificação dos ouvintes.

A doutrina deve ser expressada em termos simples; ou, se algo precisa ser explicado, deve ser aberto, e a consequência também do texto clarificada. Os lugares paralelos da escritura, confirmando a doutrina, devem ser mais simples e pertinentes que muitos outros, e (precisam ser) de alguma forma enfatizados, e aplicados ao propósito em mãos.

Os argumentos ou razões devem ser sólidos, e tanto quanto podem, convincentes. As ilustrações, quaisquer que sejam, devem ser cheias de luz, e de tal forma que conduza a verdade ao coração do ouvinte com deleite espiritual.

Se qualquer dúvida óbvia vinda da escritura, razão, ou do preconceito dos ouvintes, surgir, é requisito crucial removê-la, reconciliando as aparentes diferenças, respondendo as razões, e descobrindo e arrancando as causas do preconceito e erro. De outro modo não é apropriado deter os ouvintes expondo ou respondendo solismas maus e vãos, que, da mesma forma que são infundáveis, o expor e respondê-los impede mais do que promove a edificação.

Ele não deve limitar-se a doutrinas gerais, embora claras e confirmadas, mas "trazer pra casa", aplica-la aos seus ouvintes. Embora isto seja difícil, exija muita prudência, zelo, e meditação, e para o homem natural e corrupto é muito desagradável, contudo ele deve procurar executar essa tarefa de tal forma que os seus ouvintes sintam que a Palavra de Deus é afiada e poderosa, e uma discernidora de pensamentos e intenções do coração; e que, se qualquer pessoa incrédula ou ignorante esteja presente, os segredos do seu coração sejam manifestos, e dê glória a Deus.

Quando surgir algum detalhe que seja consequência da doutrina exposta, ele pode (quando conveniente) confirmá-lo com alguns argumentos firmes extraídos do texto em mãos, de outros lugares na escritura, ou, ainda, da natureza da teologia, de onde aquela detalhe seja uma ramificação.

Na refutação de doutrinas falsas, ele não deve levantar uma heresias velhas do seu sepulcro, nem mencionar uma opinião blasfema desnecessariamente; mas, se o povo estiver em perigo de erro, ele deve refutá-lo de forma segura, e procurar satisfazer seus juízos e consciências contra toda objeção.

Exortando o povo a cumprir seus deveres, ele pode, conforme achar prudente, ensinar também os meios que ajudam a executá-los.

Na correção, repreensão, e pública admoestação (que requer sabedoria especial), ele deve agir livremente, pois haverá motivo, não somente descobrir a natureza e grandeza do pecado, com a miséria acompanhando-o, mas também mostrar o perigo de seus ouvintes serem surpreendidos pelo pecado, e, então, descobrir, também, os remédios e melhor maneira de evitá-lo.

Alguma vezes é requisito dar algumas notas de julgamento, (que é muito proveitoso, especialmente quando executados por ministros hábeis e experientes, com circunspeção e prudência, e os sinais claramente baseados na sagrada escritura,) por

meio das quais os ouvintes podem ser aptos a examinar a si mesmos. Quer tenham atingido aquelas graças, e realizado aqueles deveres, aos quais ele exorta, ou se tornem culpados de pecados repreendidos, e estejam em perigo de juízos ameaçados ou sujeitos às consolações correspondentemente propostas.

Assim que desta forma eles sejam vivificados e energizados ao trabalho, humilhados por seus desejos e pecados, alertados dos perigos que correm, fortalecidos e confortados, como deles sob exame, requererá.

E, da mesma forma como ele não precisa sempre expor todas doutrinas que jazem no texto, ele deve sabiamente selecioná-las. Pela convivência e conversa com seu rebanho ele descobrirá as mais úteis e adequadas, e, entre estas, aqueles que mais aproximam suas almas de Cristo, a fonte de luz, santidade, e conforto.

Este método não é prescrito como necessário para todo homem, ou sobre todo texto, é apenas recomendado, pela experiência por ser muitíssimo abençoado por Deus, e muito útil para o entendimento e retenção da verdade pelo povo.

Mas o servo de Cristo, qual seja seu método, deve realizar todo o seu ministério:

1. **Dolorosamente**. Sem realizar a obra do Senhor negligentemente.

2. **De forma simples**, para que o mais insignificante possa entender, comunicando a verdade não em palavras encantadoras da sabedoria do homem, mas em demonstração do Espírito e do poder, a fim de que a cruz de Cristo não seja tornada sem efeito; abstendo-se também de um uso não proveitoso de línguas desconhecidas, frases estranhas, e cadências de sons e palavras; economizando o citar frases de escritores eclesiásticos e outros escritores humanos, antigos ou modernos, mesmo sendo os mais prestigiados possíveis.

3. **Fielmente**, olhando para a honra de Cristo, a conversão, edificação, e salvação do povo, não para seu próprio ganho ou glória; retendo nada que possa promover aqueles fins santos, dando a cada um sua própria porção, e concedendo indife-

rente respeito a todos, sem negligenciar o mais insignificante, ou livrando o mais cristão, de seus pecados.

4. **Sabiamente**, estruturando todas suas doutrinas, exortações, e especialmente suas repreensões, de tal forma que seja mais provável prevalecer; demonstrando todo o respeito devido à pessoa e ao lugar de cada homem, e sem misturar sua própria paixão ou amargura.

5. **Solenemente**, como se apresenta a palavra de Deus; evitando todo gesto, voz, e expressões, que possam dar ocasião à corrupções humanas que acarretem-lhe o desprezo e por extensão a seu ministério.

6. **Com carinhosa afeição**, para que o povo possa ver tudo vindo de seu zelo pelas coisas de Deus, e de seu desejo sincero de fazer bem feito. E,

7. **Como ensinado por Deus**, e persuadido no seu próprio coração, de que tudo que ele ensina é a verdade de Cristo. Andando na frente do seu rebanho como exemplo pra eles; tanto em particular como publicamente, recomendando ardentemente seus labores para o louvor de Deus, e cuidadosamente olhando a si mesmo e o rebanho sobre o qual o Senhor o fez superintendente: Assim a doutrina da verdade será preservada imaculada, muitas almas serão convertidas e edificadas, e ele mesmo receberá múltiplos confortos pelos seus labores, mesmo nesta vida, e depois a coroa de glória lhe será dada no mundo por vir.

Onde há mais que um ministro numa congregação, e eles com dons diferentes, cada um pode aplicar-se mais especialmente a doutrina ou exortação, segundo o dom no qual é mais excelente, de forma que concordem entre si.

Sobre Oração após o Sermão.

O sermão terminado, o ministro deve:

Agradecer pelo grande amor de Deus, em enviar o seu Filho Jesus Cristo a nós; pela comunicação do seu Espírito Santo; pela luz e liberdade do glorioso evangelho, e as bênçãos ricas e celestiais reveladas neste; tais como eleição, vocação, adoção, justifi-

cação, santificação, e esperança de glória; pela admirável bondade de Deus em libertar a terra de tirania e escuridão anticristãs, e por todas as outras libertações nacionais; pela reforma da religião; pelo pacto; e por muitas bênçãos temporais.

Orar pela continuação do evangelho, e de todas suas ordenanças, na sua pureza, poder e liberdade, tornando as principais e mais úteis idéias do sermão em algumas petições, e orar para que elas possam fazer morada no coração, e produzir frutos.

Orar pela preparação para morte e juízo, e pelo vigiar para a vinda do nosso Senhor Jesus Cristo: para suplicar a Deus o perdão das iniquidades das nossas coisas santas, e a aceitação do nosso sacrifício espiritual, através do mérito e meditação do nosso grande Sumo Sacerdote e Salvador, o Senhor Jesus Cristo.

Visto que a oração que Cristo ensinou seus discípulos não é apenas uma oração padrão, mas uma oração muito abrangente, nós recomendamos que ela também seja usada nas orações da igreja.

E ao passo que, na administração dos sacramentos, no jejum público e nos dias de ação de graça, e noutras ocasiões especiais, que podem exigir e petições e agradecimentos especiais, é requisito expressar algo a respeito nas nossas orações públicas, (como nessa hora é nosso dever orar por uma benção sobre a Assembléia do Governo, os exércitos marítimos e terrestres, pela defesa do Rei, Parlamento, e do Reino,) todo ministro deve aqui aplicar a si mesmo nessa oração, antes ou depois do sermão, para estas ocasiões: mas, pelo costume, ele é deixado livre, pois Deus o dirigirá e o capacitará em piedade e sabedoria a executar a sua tarefa.

Finda a oração, um salmo deve ser cantado, contanto que seja feito com conveniência. Depois disto (a não ser que alguma outra ordenança de Cristo, concernente à congregação naquela hora, deva seguir) o ministro deve despedir a congregação com uma benção solene.

Sobre a Minистраção dos Sacramentos

O Batismo.

Batismo, como não deve ser atrasado desnecessariamente, assim também não deve ser ministrado em qualquer caso por uma pessoa leiga, mas por um ministro de Cristo, chamado para ser um mordomo dos mistérios de Deus.

Também não deve ser ministrado em lugares privados, ou privadamente, mas no lugar de adoração pública, e diante da congregação, onde as pessoas possam ver e ouvir mais convenientemente; e não em lugares onde, no tempo do Papado, fontes⁴ eram descabida e supersticiosamente colocadas.

A criança a ser batizada, após o ministro ter sido notificado no dia anterior, deve ser apresentada pelo pai, ou (em caso de sua inevitável ausência) por algum amigo cristão no seu lugar, professando seu ardente desejo de que a criança seja batizada.

Antes do batismo, o ministro deve dar algumas palavras de instrução, concernente à instituição, a natureza, o uso, e os fins deste sacramento, mostrando:

1. Que é instituído pelo nosso Senhor Jesus Cristo.
2. Que é um selo do pacto da graça, do nosso enxertar em Cristo, e da nossa união com ele, da remissão de pecados, regeneração, adoção, e vida eterna.
3. Que a água, no batismo, representa e significa tanto o sangue de Cristo, que retira toda a culpa do pecado, original e atual, e a virtude santificadora do Espírito de Cristo contra o domínio do pecado, e a corrupção da nossa natureza pecadora.
4. Que batizar, ou aspergir e lavar com água, significa a limpeza do pecado pelo sangue e pelo mérito de Cristo, juntamente com a mortificação do pecado, e o ressurgir do pecado para novidade de vida, pela

⁴ NT.: Pias batismais, fontes, etc.

virtude da morte e ressurreição de Cristo.

5. Que a promessa é feita aos fiéis e sua semente; e que a semente e posteridade do fiel, nascidas na igreja, tem, pelo seu nascimento, parte no pacto, e direito ao selo do mesmo, e aos privilégios externos da igreja, sob o evangelho, não menos que os filhos de Abraão no tempo do Velho Testamento, já que o pacto da graça, por substância, é o mesmo; e a graça de Deus, e a consolação dos fiéis, mais abundante que antes.
6. Que o Filho de Deus admitiu crianças na sua presença, abraçando e abençoando-as, dizendo: "Pois tais é o reino de Deus".
7. Que crianças, pelo batismo, são solenemente recebidas no seio da igreja visível, distinguidas do mundo, dos que estão fora⁵, e unidas aos fiéis; e que todas que são batizadas no nome de Cristo, renunciaram, e, pelo seu batismo são destinadas a lutar contra satanás, o mundo, e a carne.
8. Que eles são cristãos, e federativamente santos antes do batismo, e por isso são batizados.
9. Que a graça interna e a virtude do batismo não está presa ao momento exato da ministração; e que o fruto e poder portanto alcança todo o curso de nossa vida.
10. Que o batismo externo não é tão necessário, que, pela falta do mesmo, a criança esteja em perigo de condenação, ou os pais culpados, se eles não menosprezarem ou negligenciarem a ordenança de Cristo, quando e onde ela possa ser obedecida.

Com estas instruções ou algo semelhante, o ministro deve usar a sua própria liberdade e sabedoria divina, como a ignorância e os erros na doutrina do batismo, e a edificação do povo, exigirem, etc,

também, deve admoestar todos os que estão presentes,

1. A voltarem os olhos para o seu batismo;
2. a arrependerem dos seus pecados contra seu pacto com Deus;
3. a "chacoalhar"⁶ a sua fé;
4. a melhorarem e fazerem uso correto do batismo, e do pacto ali selado entre Deus e suas almas.

Ele deve exortar o pai:

1. A considerar a grande misericórdia de Deus para ele e seu filho;
2. a educar a criança no conhecimento dos alicerces da religião cristã, e no ensino e admoestação do Senhor;
3. e a deixá-lo conhecer o perigo da ira de Deus para si e seu filho, se ele for negligente: exigindo sua promessa solene para a execução da sua tarefa.

Sendo isto feito, uma oração deve acompanhar a palavra de instituição, para santificar a água para este uso espiritual; e o ministro deve orar para o seguinte efeito ou algo semelhante:

1. Que o Senhor, que não nos deixou como estranhos sem o pacto da promessa, mas nos chamou para os privilégios das suas ordenanças, graciosamente santifique e abençoe a sua própria ordenança do batismo nesta hora.
2. Que ele una o batismo interno do seu Espírito com o batismo externo da água; torne esse batismo um selo de adoção para a criança, de remissão de pecado, regeneração, e vida eterna, e todas as outras promessas do pacto da graça.
3. Que a criança seja colocada na semelhança da morte e ressurreição de Cristo;
4. e que, o corpo de pecado sendo-lhe destruído, ela sirva a Deus em novidade de vida todos os seus dias.

⁵ NT: "dos que estão fora da Igreja"

⁶ NT: Despertar, avivar, etc

Então o ministro deverá exigir o nome da criança, sendo dito, ele deve dizer:

(chamando a criança pelo seu nome), eu te batizo em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Enquanto pronuncia estas palavras, ele deve batizar a criança com água: que, pela maneira de fazê-lo, não é somente lícito mas suficiente, e mais conveniente se for, pelo derramar ou aspergir de água na face da criança, sem adicionar qualquer outra cerimônia.

Isto feito, ele deve dar graças e orar, para o seguinte propósito ou algo semelhante:

Reconhecendo com toda gratidão, que o Senhor é verdadeiro e fiel em guardar pacto e misericórdia.

Que ele é bom e gracioso, não somente por acrescentar-nos entre os seus santos, mas se agrada em conceder sobre nossas crianças este singular sinal ou distintivo do seu amor em Cristo.

Que, na sua verdade e providência especial, ele diariamente traz alguns ao seio da sua igreja, para serem participantes dos seus inestimáveis benefícios, adquiridos pelo sangue do seu querido Filho, para a continuação e crescimento da sua igreja.

Pedir que o Senhor ainda continue, e diariamente confirme mais e mais este seu favor indizível.

Pedir que ele receba a criança agora batizada, e solenemente adentrada à família da fé, na sua defesa e instrução paternal, e a lembre com o mesmo favor que ele demonstrou ao seu povo;

Pedir que, se ele for tirado desta vida na sua infância, o Senhor, que é rico em misericórdia, fique satisfeito em recebê-lo na sua glória; e se ele viver, e alcançar os anos de discipulação, que o Senhor o ensine pela sua palavra e Espírito, e torne o seu batismo eficaz para ele, e assim o mantenha pelo seu divino poder e graça, para que pela fé ele prevaleça contra satanás, o mundo, e a carne, até que no fim obtenha uma vitória completa e final, e seja assim guardado pelo poder de Deus através da fé para salvação em Jesus Cristo nosso Senhor.

Sobre A Celebração Da Comunhão, ou Sacramento Da Ceia Do Senhor.

A comunhão, ou ceia do Senhor, deve ser celebrada freqüentemente; mas a freqüência, pode ser considerada e determinada pelos ministros, e outros governantes eclesiásticos de cada congregação, como acharem mais conveniente para o conforto e edificação do povo comissionado ao seu cuidado. E, quando ela for ministrada, julgamos ser conveniente que ela seja feita após o sermão matutino.

O ignorante e o reprovável não estão aptos a receber o sacramento da Ceia do Senhor.

Onde este sacramento não pode ser freqüentemente ministrado com conveniência, é exigido que advertência pública seja dada no dia-sabático que antecede a ministração: e que mesmo então, ou em algum dia daquela semana, algo concernente àquela ordenança, e preparação para o dia, e participação da mesma, sejam ensinados; que, pelo uso diligente de todos meios santificados por Deus para este fim, tanto em público como privado, todos venham melhor preparados para esta festa celestial.

Quando o dia da ministração chegar, o ministro, tendo terminado seu sermão e oração, fará uma breve exortação:

Expressando o inestimável benefício que temos por este sacramento, juntamente com os fins e uso do mesmo.

Expondo a grande necessidade de termos nossos confortos e força renovados desse modo nesta nossa peregrinação e guerra.

Quão necessário é que venhamos ao sacramento com conhecimento, fé, arrependimento, amor, e com almas famintas e sedentas por Cristo e seus benefícios.

Quão grande o perigo de comermos e bebermos indignamente.

A seguir, ele deve, no nome de Cristo, por um lado, advertir todos que são ignorantes, reprováveis, profanos, ou que vivem em qualquer pecado ou ofensa contra seus conhecimentos e consciências, que não se atrevam a vir àquela mesa santa;

mostrando a eles, que aquele que come e bebe indignamente, come e bebe juízo para si; e, por outro lado, de maneira especial ele deve convidar e encorajar todos que labutam sob o senso de fardo dos seus pecados, e medo da ira, e desejo de alcançar um maior progresso na graça do que já alcançou, para virem à mesa do Senhor, assegurando-os, no mesmo nome, descanso, refrigério, e força para suas almas fracas e abatidas.

Depois desta exortação, advertência, e convite, a mesa sendo antes coberta decentemente, e assim convenientemente colocada, para que os comungantes possam sentar ordenadamente ao redor, ou à mesa, o ministro deve começar a ação santificando e abençoando os elementos do pão e do vinho colocados perante ele, (o pão num recipiente belo e conveniente, assim preparado, para que, sendo quebrado por ele, e dado, possa ser distribuído entre os comungantes; o vinho também em grandes cálices), tendo primeiramente, em poucas palavras, demonstrado que aqueles elementos, outrora comuns, são agora separados e santificados para este santo uso, pela palavra de instituição e oração.

Que as palavras de instituição sejam lidas dos Evangelistas, ou da primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Coríntios 11:23: Eu recebi do Senhor, etc. até o verso 27, o qual o ministro pode, quando achar necessário, explicar e aplicar.

Que a oração, ação de graças, ou bênção do pão e vinho, sejam da seguinte forma:

Reconhecimento humilde e sincero da grandeza da nossa miséria, da qual nenhum homem ou anjo foi capaz de nos livrar, e de nossa grande indignidade da menor de todas as misericórdias de Deus.

Agradecimento a Deus por todos os seus benefícios, e especialmente pelo grande benefício da nossa redenção, o amor de Deus o Pai, os sofrimentos e méritos do Senhor Jesus Cristo o Filho de Deus, pelo qual fomos libertos;

Agradecimento por todos os meios de graça, a palavra e sacramentos;

Agradecimento por este sacramento em particular, pelo qual Cristo, e todos seus benefícios, são aplicados e selados em nós, os quais, não obstante a negação deles para os outros, estão em grande misericórdia continuada em nós, depois de tão intenso e longo abuso de todos eles.

Professar que não há outro nome abaixo do céu pelo qual podemos ser salvos, mas o nome de Jesus Cristo, somente pelo qual recebemos liberdade e vida, temos acesso ao trono de graça, somos admitidos a comer e beber à sua própria mesa, e somos selados pelo seu Espírito para uma segurança de alegria e vida eterna.

Ardentemente orar a Deus, o Pai de todas as misericórdias, e Deus de toda a consolação, para outorgar sua presença graciosa, e a obra eficaz do seu Espírito em nós; e assim santificar esses elementos ambos de pão e vinho, e abençoar a sua própria ordenança, para que recebamos pela fé o corpo e sangue de Jesus Cristo, crucificado por nós, e assim nos alimentarmos dele, para que ele seja um conosco, e nós um com ele; para que ele viva em nós, e nós nele, e para ele que nos amou, e se deu por nós.

Tudo isto ele deve se esforçar para executar com emoções adequadas, correspondentes a uma ação santa como esta, e promover o mesmo nas pessoas.

Os elementos estando agora santificados pela palavra e oração, o ministro, estando à mesa, deve tomar o pão na sua mão, e dizer, nestas expressões, (ou outras semelhantes, usadas por Cristo ou seu apóstolo nesta ocasião):

De acordo com a santa instituição, ordem, e exemplo de nosso bendito Salvador Jesus Cristo, eu tomo este pão, e, tendo dado graças, parto-o, e o dou a vós; (aí o ministro, que também deve comungar, deve partir o pão, e dá-lo aos comungantes;) Tomai, comei; este é o corpo de Cristo que é partido por vós: fazei isto em memória dele.

Semelhantemente o ministro deve tomar o cálice, e dizer, nestas expressões, (ou outras semelhantes, usadas por Cristo ou pelo apóstolo na mesma ocasião):

De acordo com a instituição, ordem, e exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo, eu tomo este cálice, e vos dou (aqui ele dá aos

comungantes). Este cálice é a nova aliança no sangue de Cristo, que é derramado para remissão de pecados de muitos: bebei dele todo.

Depois de todos terem comungado, o ministro pode, em poucas palavras, colocá-las em mente, quanto a graça de Deus em Jesus Cristo é demonstrada neste sacramento; e exortá-los a andar dignos do mesmo.

O ministro deve dar graças solenes a Deus:

Pela sua rica misericórdia, e bondade inestimável, outorgada a eles naquele sacramento; e rogar por perdão pelos defeitos de todo culto, e pela graciosa assistência do seu bom Espírito, pela qual eles possam ser capacitados a andar na força daquela graça, como se tornam aqueles que tem recebido tão grandes penhores de salvação.

A coleta para os pobres deve ser ordenada, para que nenhuma parte do culto público seja obstruída.

Sobre a Santificação do Dia do Senhor.

O dia do Senhor deve ser lembrado de antemão, de tal forma que todos os negócios seculares de nossas vocações ordinárias possam ser ordenados, e na hora e estação certas serem colocados de lado, para que não sejam impedimentos à santificação do dia do Senhor.

O dia inteiro deve ser celebrado como santo ao Senhor, tanto pública como privadamente, como sendo o sábado cristão. Para o qual é exigido, que haja uma santa cessação ou descanso durante todo o dia, de todo trabalho desnecessário, e uma abstenção, não somente de todos os esportes e passatempos, mas também de todos pensamentos e palavras mundanas.

Que a alimentação naquele dia seja determinada de tal forma que nenhum servo seja desnecessariamente impedido de comparecer ao culto público a Deus, e nenhuma outra pessoa impedida de santificar aquele dia.

Que haja preparações privadas de cada pessoa e família, pela oração por si mesmos e pela assistência de Deus ao ministro abençoando seu ministério, e por

outros exercícios santos, de tal forma que posteriormente todos disponham a uma comunhão mais confortável com Deus na sua ordenança pública.

Que todas as pessoas se encontrem na mesma hora para a adoração pública, a fim de que toda a congregação possa estar presente desde o começo da solenidade, e, com um só coração, unirem-se solenemente em todas as partes do culto público, e não partirem até depois da benção.

Que o tempo que sobrar, entre, ou depois dos encontros solenes da congregação em público, sejam gastos na leitura, meditação, repetição dos sermões (especialmente chamando suas famílias para prestarem contas do que ouviram e serem catequizados), santas conferências, oração para uma benção sobre as ordenanças públicas, canto de salmos, visitação dos doentes, ajuda aos pobres, e funções semelhantes de piedade, caridade, e misericórdia, considerando o sábado um deleite.

A Celebração do Casamento.

Embora o casamento não seja um sacramento, nem peculiar à igreja de Deus, mas comum à humanidade, e de interesse público em todo estado, todavia, por que os que casam têm de casar no Senhor, e têm uma necessidade especial de instrução, direção, e exortação da palavra de Deus e da sua benção sobre eles, ao entrarem nessa nova condição, julgamos ser conveniente que o casamento seja celebrado por um fiel ministro da palavra, para que de acordo com a mesma, ele possa aconselhá-los, e rogar a benção de Deus sobre eles.

Casamento deve ser entre um homem e uma mulher somente, que não estejam no grau de consangüinidade ou afinidade proibida pela palavra de Deus, estejam na idade do discernimento, aptos a fazerem a sua própria escolha, ou, sobre bons fundamentos, dar seu mútuo consentimento.

Antes da celebração do casamento entre quaisquer pessoas, o propósito de se casarem deverá ser publicado pelo ministro por três dias-sabáticos, na congregação, no lugar ou lugares onde eles mais convivem, respectivamente. E sobre esta publicação o

ministro que deve uni-los em casamento deverá ter testemunho suficiente, antes que proceda para celebrar o casamento.

Antes desta publicação, se os nubentes forem menores de idade os oficiais eclesiásticos daquela congregação deverão ter o consentimento dos pais, ou outros sob a tutela de quem estão, (caso os pais estejam mortos), para ser registrado.

O mesmo deve ser observado no procedimento de todos outros para o seu primeiro casamento, mesmo sendo maiores de idade, e tendo os pais ainda vivos.

E, em casamentos posteriores de qualquer nubente, eles deverão ser exortados a não contrair matrimônio sem primeiro familiarizarem os pais com a idéia, (se com conveniência isto possa ser feito,) empenhando em obter o consentimento deles.

Os pais não devem forçar os seus filhos a casarem-se, nem negar o próprio consentimento sem justa causa.

Depois que o propósito ou contrato de casamento tenha sido publicado, o casamento não deve demorar muito. Portanto o ministro, tendo tido advertência conveniente, e nenhuma objeção havendo para impedi-lo, deve celebrá-lo publicamente no lugar apontado pela autoridade para pública adoração, perante um número competente de testemunhas dignas, numa hora conveniente do dia, em qualquer época do ano, exceto no dia de humilhação pública. E nós aconselhamos que não seja no dia do Senhor.

E porque todas as relações são santificadas pela palavra e oração, o ministro deve orar por uma bênção sobre eles, da seguinte forma:

Reconhecendo nossos pecados, pelos quais temos nos tornado menos que a menor de todas as misericórdias de Deus, e o provocado para amargar todos nossos confortos; ardentemente, no nome de Cristo, suplicar ao Senhor (de quem a presença e o favor é a alegria de toda condição, e adoça toda relação) para ser sua porção, e para apropriar-se deles e aceitá-los em Cristo, que agora serão unidos no estado honorável do casamento, o pacto do seu Deus: e que, como ele tem os trazido juntos pela sua providência, ele os santifique pelo seu Espírito, dando a eles uma nova moldura de

oração adequada para o novo estado deles; enriquecendo-os com todas graças pelas quais eles passam executar suas tarefas, gozar os confortos, suportar os cuidados, e resistir as tentações que acompanham esta condição, como se tornam cristãos.

A oração tendo terminado, é conveniente que o ministro declare brevemente a eles, da escritura,

A instituição, o uso, e os fins do casamento, com as tarefas conjugais, que, em toda fidelidade, eles devem executar um para com o outro; exortando-os a estudar a santa palavra de Deus, para que aprendam a viver pela fé, e a estarem contentes em meio a todos os cuidados e problemas, santificando o nome de Deus, num uso agradecido, sóbrio, e santo de todos confortos conjugais; orando muito com e pelo outro; vigiando e provocando um ao outro ao amor e boas obras, e a viver juntos como herdeiros da graça da vida.

Depois de solene advertência aos presentes que estão perante o grande Deus, que perscruta todos corações, e a quem eles devem prestar contas no último dia, exigir deles que se qualquer um conhece qualquer razão, por contrato prévio ou outra coisa, pela qual não devem legitimamente prosseguir ao casamento, que seja agora revelada. O ministro (se nenhum impedimento for conhecido) deverá primeiramente fazer o homem tomar a mulher pela mão direita, dizendo as seguintes palavras:

Eu N. tomo a ti N. para ser minha esposa, e prometo e pactuo, na presença de Deus, e perante esta congregação, ser um marido amoroso e fiel a ti, até que Deus nos separe pela morte.

Então a mulher deverá tomar o homem pela mão direita, e dizer as seguintes palavras:

Eu N. tomo a ti N. para ser meu marido, e prometo e pactuo, na presença de Deus, e perante esta congregação, ser uma esposa amorosa, fiel, e obediente a ti, até que Deus nos separe pela morte.

Então, sem qualquer outra cerimônia, o ministro deve, diante da congregação, pronunciá-los como marido e mulher,

de acordo com a ordenança de Deus; e assim concluir o ato com a seguinte oração:

Que o Senhor se deleite em acompanhar sua própria ordenança com a sua bênção, suplicando a ele que enriqueça as pessoas agora casadas, assim como com outros distintivos do seu amor, particularmente com os confortos e frutos do casamento, para o louvor da sua abundante misericórdia, em, e através de Jesus Cristo.”

Um registro deve ser guardado cuidadosamente, com os nomes dos nubentes, e data do seu casamento. Em seguida devidamente registrados num livro providenciado para este propósito para o exame público.

Acerca da Visitação ao Doente.

É tarefa do ministro ensinar as pessoas sob a sua tutela, não apenas publicamente, mas também privada e particularmente admoestar, exortar, reprovar, e confortar, em todas ocasiões oportunas, até que seu tempo, força, e segurança pessoal assim o permitam.

Ele deve admoestá-los, em tempo de saúde, para prepará-los para a morte, e, para este propósito, eles deverão frequentemente consultar com seu ministro acerca do estado de suas almas; e, em tempos de enfermidade, desejar seu conselho e ajuda, a tempo e oportunamente, antes que a sua força e entendimento falhem.

Tempos de doença e aflição são oportunidades especiais dadas por Deus para ministrar uma palavra oportuna para almas abatidas, pois as consciências dos homens são ou deveriam ser mais despertadas para refletirem sobre seu estado espiritual para a eternidade. Satanás tira vantagem sobrecarregando-os com tentações pesadas e doloridas. Portanto, o ministro, sendo enviado para cuidar do doente, deve se empenhar com toda ternura e amor, para ministrar algum bem espiritual para a sua alma.

Ele pode, considerando a presente enfermidade, instruí-lo com a escritura, de que doenças não vêm fortuitamente, ou apenas por indisposição do corpo, mas pela sábia e ordenada condução da boa mão de

Deus. E que, quer tenha sido derramada sobre ele devido a desprazer por pecado, para sua correção e disciplina, ou para exame e exercício das suas graças, ou por outros fins especiais e excelentes, todos os seus sofrimentos se tonarão para o seu lucro; e cooperarão para o seu bem, se o enfermo trabalhar sinceramente para fazer uso santificado da visitação de Deus, nem desprezando a sua punição, nem abater-se por sua correção.

Se o ministro suspeitar de ignorância no enfermo, ele deverá examiná-lo nos princípios de religião, especialmente tocando em arrependimento e fé; e, enquanto houver motivo, instruí-lo quanto a natureza, o uso, a excelência, e a necessidade dessas graças e, também, quanto ao pacto da graça, de Cristo o Filho de Deus, o Mediador deste pacto, e, ainda, sobre a remissão de pecados pela fé nele.

O ministro deverá exortar a pessoa doente a examinar-se a si mesmo, a perscrutar seus caminhos anteriores, e seu estado diante de Deus.

E se qualquer pessoa expuser qualquer receio, dúvida, ou tentação que esteja sofrendo, instruções e resoluções deverão ser dadas para satisfazê-lo e acalmá-lo.

Se parecer que ele não têm um senso correto dos seus pecados, deverão se fazer tentativas para convencê-lo dos seus pecados, da culpa e abandono deles; da imundície e poluição que a alma contrai com eles, e da maldição da lei, e ira de Deus, devido a estes pecados; para que seja verdadeiramente afetado e humilhado por eles. E além disso tornar conhecido o perigo de prorrogar o arrependimento, e de negligenciar salvação oferecida a qualquer hora; para acordar sua consciência, e levantá-la de uma condição estúpida e presunçosa, para compreender a justiça e ira de Deus, diante do qual ninguém pode permanecer, senão aquele que, perdido em si mesmo, segura-se em Cristo pela fé.

Se ele tem tentado andar em caminho de santidade, e servir a Deus em retidão, embora não sem muitas falhas e enfermidades; ou, se seu espírito estiver quebrantado com o senso de pecado, ou sobrepujado pela necessidade do favor de

Deus; então será apropriado levá-lo, colocando diante dele a liberdade e plenitude da graça de Deus, a suficiência da retidão em Cristo, as ofertas graciosas no evangelho, para que todo o que arrepende-se, e crer com todo o seu coração na misericórdia de Deus por meio de Cristo, renunciando a sua própria justiça, tenha vida e salvação nele.

Pode também ser útil mostrar ao doente, que a morte em si mesma não tem mal espiritual para ser temido por aqueles que estão em Cristo, porque o pecado, que é o ferrão da morte, foi retirado por Cristo, que libertou todos que são seus do cativeiro do medo da morte, triunfou sobre o tumulto, dando-nos vitória.

Ele mesmo entrou em glória para preparar um lugar para o seu povo: para que nem a vida nem a morte possam separá-los do "amor de Deus em Cristo", em quem seu povo está seguro, embora neste momento tenha de ser arrastado no pó, para obter uma gloriosa e feliz ressurreição para a vida eterna.

Conselho também pode ser dado, quando a tomarem cuidado com a persuasão má-licerçada sobre misericórdia, ou sobre a bondade da sua condição para o céu, para renunciar todo mérito em si mesmo, e para lançar-se totalmente sobre Deus por misericórdia, na mediação e méritos somente de Cristo Jesus, que tem se engajado para nunca expulsar aqueles que em verdade e sinceridade vem a ele.

Cuidado deve ser tomado também, para que o doente não seja lançada em desespero por uma apresentação tão severa da ira de Deus, devido os seus pecados, que não seja mitigado por uma apresentação dos mérito de Cristo como esperança para o fiel penitente.

Quando a pessoa doente estiver mais tranqüila e puder ser incomodada, e outros ofícios necessários acerca dele menos escondidos, o ministro, se desejar, deverá orar com ele, e por ele, da seguinte forma:

Confessando e lamentando o pecado original e atual;

a miserável condição de todos por natureza, como sendo filhos da ira, e sob a maldição;

reconhecendo que todas as doenças, enfermidades, a morte, e o inferno, são as questões e os efeitos resultantes disso;

implorando a misericórdia de Deus para a pessoa doente, através do sangue de Cristo;

Suplicando que Deus que:

abra os seus olhos, descubra os seus pecados, faça que está perdido enquanto confiar em si mesmo,

torne conhecida dele a causa por Deus o ter atingido,

revele Jesus Cristo à sua alma para justiça e vida,

dê a ele seu Espírito Santo, para criar e fortalecer a fé com que se firmu em Cristo,

para trabalhar nele evidências confortáveis do seu amor,

para armá-lo contra tentações,

para tirar o seu coração do mundo,

para santificar sua presente visitaçào,

para forrá-lo com paciência e força de modo que suporte, e tenha perseverança na fé até o fim.

De tal modo que, se Deus se agradar em aumentar os seus dias, conceda abençoar e santificar todos os meios de sua recuperação. Remova a doença, renove suas forças, e capacite-o a andar digno de Deus, por uma fiel lembrança, e diligente observância de tuis votos e promessas de santidade e obediência, como os homens são aptos a fazer em tempos de enfermidade, para que possa glorificar Deus na parte restante de sua vida.

E, se Deus determinou terminar os seus dias pela presente visitaçào, que ele encontre evidência do perdão de todos os seus pecados, dos seus lucros em Cristo, e da vida eterna por Cristo, para tornar o seu homem interior renovado, enquanto o seu homem exterior apodrece;

que ele enfrente a morte sem medo, lançando-se totalmente sobre Cristo sem dívidas, desejando estar com Cristo, e assim receber

o fim da sua fé, a salvação da sua alma, através dos méritos e intercessão somente do Senhor Jesus Cristo, nosso unico Salvador e todo-suficiente Redentor.

O ministro deverá admoestá-lo também (quando houver necessidade) a colocar a sua casa em ordem, para prevenir contra inconveniências; a pagar as suas dívidas, e a fazer restituição ou satisfação onde quer que tenha feito qualquer mal; a reconciliar-se com aqueles com quem ele tem tido desavença, e totalmente perdoar todos os delitos dos homens contra ele, como ele espera perdão da mão de Deus.

Por último, o ministro pode aproveitar a presente ocasião para exortar os que estão ao redor do doente a considerarem sua própria mortalidade, a voltarem-se para o Senhor, e fazerem paz com ele enquanto estão com saúde de modo a prepararem-se para doença, morte, e juízo; e a esperar todos os dias do seu tempo determinado até venha a mudança, quando Cristo, que é a nossa vida, aparecer, eles venham com ele em glória.

Acerca do Sepultamento dos Mortos.

Quando qualquer pessoa deixa esta vida, o corpo morto, no dia do sepultamento, deve ser decentemente cuidado desde a casa até o lugar designado para o sepultamento público, e ali seja imediatamente enterrado, sem qualquer cerimônia.

Como o costume de ajoelhar-se, e orar pelo e em direção ao cadáver morto, e outros usos semelhantes, no lugar onde permanece antes de ser carregado ao sepultamento, são supersticiosos;

Como a oração, leitura, e canto, tanto indo para o túmulo quanto no túmulo, tem sido repulsivamente abusados, não beneficiam o morto, e tem demonstrado ser muito dolorosos aos vivos;

Tais coisas sejam deixadas de lado.

Contudo, julgamos ser muito apropriado, que os amigos cristãos, que acompanham o cadáver ao lugar designado para o sepultamento público, se envolvam em meditações e conferências apropriadas à ocasião; e que o ministro, como em outras ocasiões, também nesta hora, se estiver presente, os lembre de sua tarefa.

Que isto feito no sepultamento não aumente ou diminua quaisquer respeito ou honras civis apropriadas à posição e a condição do falecido enquanto ele estava vivendo.

Acerca do Jejum Público Solene.

Quando alguns julgamentos grandes e notáveis são ou infligidos sobre um povo, ou sejam aparentemente eminentes, ou por algumas provocações extraordinárias notoriamente merecidas; como também quando alguma benção especial deve ser buscada e obtida, jejum público solene (que deve continuar o dia inteiro) é um dever que Deus espera daquela nação ou povo.

Um jejum religioso exige total abstinência, não somente de toda comida, (a não ser que a fraqueza corporal claramente impossibilite de continuar até o final do jejum, sendo assim deve-se comer algo, contudo mui escassamente, para suportar a natureza, quando estiver pronta a desmaiar), mas também de todo trabalho, conversas, e pensamentos mundanos, e de toda delícia do corpo, e coisas semelhantes, (mesmo que sejam licitas em outros momentos), de ornamentos e vestimentas luxuosas, e coisas semelhantes, durante sua duração; e muito mais do que está na natureza ou uso escandaloso e ofensivo, como adornos pomposos, hábitos e gestos lascivos, e outras vaidades de ambos os sexos; os quais nós recomendamos a todos ministros, nos seus lugares, que reprovem diligente e zelosamente, como em outros tempos, assim especialmente num jejum (sem deferência especial a qualquer pessoa), na ocasião oportuna.

Antes do encontro público, cada família e pessoa separadamente deve usar de forma privada todos os cuidados religiosos de modo a preparar seus corações para tal obra solene, e para estarem cedos na congregação.

Assim, uma grande parte do dia como convier, deve ser gasta em leitura pública e pregação da palavra, com canto de salmos, adequados para estimular emoções apropriadas para tal tarefa: mas especialmente em oração, assim ou semelhantemente:

1. Dando glórias à grande Majestade de Deus, o Criador, Preservador, e supremo Governador de todo mundo, da melhor maneira possível para nos afetar desse modo com uma reverência e admiração santas dele;
2. reconhecendo suas múltiplas, grandes, e ternas misericórdias, especialmente para a igreja e nação, da maneira mais eficaz para amolecer e humilhar nossos corações diante dele;
3. com humilde confissão de pecados de todo tipo, com seus muitos agravantes;
4. justificando os retos juízos de Deus, como sendo muito menos que nossos pecados merecem;
5. entretanto implorando humilde e ardentemente pela sua misericórdia e graça para nós, a igreja e nação, pelo nosso rei, e todos em autoridade, e por todos os outros por quem devemos orar, (de acordo com o que a presente urgência exige,) com mais importunidade e louvores especiais do que de outras vezes;
6. aplicando pela fé as promessas e bondade de Deus para perdão, ajuda, e livramento dos males sentidos, temidos, ou merecidos;
7. e para obter as bênçãos que precisamos e esperamos;
8. juntamente com uma negação completa de nós mesmos e aceitação eterna ao Senhor.

Em todos, os ministros, que são as bocas do povo para Deus, devem falar dos seus corações, sobre a premeditação séria e completa deles, para que tanto eles mesmos como seu povo seja muito afetado, e quebrantados; especialmente tristes por seus pecados; para que realmente seja um dia de profunda humilhação e aflição da alma.

Escolha especial deve ser feita das escrituras para serem lidas, e de tais textos para pregação, para que melhor possa trabalhar o coração dos ouvintes para o assunto especial do dia, e melhor dispô-los a humilhação e arrependimento: insistindo naqueles particulares que a experiência e

observação de cada ministro mostre que são muito propícios à edificação e reforma daquela congregação para a qual ele prega.

Antes do término das tarefas públicas, o ministro deve, em seu nome e em nome do povo, engajar o seu coração e coração deles para serem do Senhor, com resolução e propósito professos de reformar o que estiver errado entre eles, e mais particularmente aqueles pecados dos quais forem mais culpados; de aproximarem-se de Deus, e andarem mais próximo e fielmente em nova obediência, do que faziam antes.

Ele deve admoestar o povo, com toda importunidade,

1. que o trabalho daquele dia não termine com as tarefas públicas do mesmo dia, mas que possam assim melhorar tanto o resto do dia, quanto o resto de suas vidas, reforçando sobre si mesmos e suas famílias em particular todas aquelas aflições e resoluções divinas que eles professaram em público.

2. que possam se ajustar em seus corações para sempre, e de forma mais sensível descobrir que Deus lhes providenciou um doce salvador em Cristo e está propício a eles pela graça, perdoadando pecado, removendo juízos, afastando ou prevenindo pragas, e concedendo bênçãos, de acordo com as condições e orações do seu povo, por Jesus Cristo.

Além de jejuns solenes e gerais intimado pelas autoridades, julgamos que, em outros momentos as congregações podem manter dias de jejum e, conforme a providência divina, dedicá-los ocasião especial; o mesmo pode ocorrer com famílias, desde que não seja nos dias onde a congregação da qual eles fazem parte deva encontrar-se para jejum, ou outras tarefas públicas de adoração.

Sobre a Observância dos Dias Públicos de Ação de Graças.

Quando qualquer dia como esse for guardado, que um aviso seja dado do mesmo, e da ocasião, com bom tempo de antecedência, para que as pessoas possam se preparar melhor para tal dia.

Tendo o dia chegado, e a congregação (depois de preparações privadas) se reunido, o ministro deve começar com uma palavra de exortação, para encorajar as pessoas a cumprirem a tarefa que lhes foi concedida, e com uma breve oração pela assistência e benção de Deus, (como em outras ocasiões de adoração pública) de acordo com a ocasião particular da reunião.

Que ele então faça uma narração enérgica do livramento obtido, ou misericórdia recebida, ou de qualquer coisa que ocasionou a reunião da congregação, para que todos possam entender melhor, ou estar cientes, e mais afetados por isso.

E, pelo fato de cantar o salmos ser a ordenança mais apropriada de todas para expressar gozo e ação de graças, que algum salmo ou salmos pertinentes sejam cantados para este propósito, antes ou depois da leitura de alguma porção da palavra adequada à presente situação.

Então o ministro, que deve pregar, prossiga na exortação e oração antes do seu sermão, com referência especial à obra presente: depois da qual, ele deve pregar sobre algum texto da Escritura pertinente à ocasião.

Tendo o sermão terminado, que ele não apenas ore, como é instruído que seja feito em outras ocasiões após a pregação, com lembrança das necessidades da Igreja, Rei, e Estado (se antes do sermão eles forem omitidos) mas aplique-se em agradecimento adequado e solene pelos livramentos e misericórdias prévios; mais especialmente por aquilo que no presente os reúne: com humilde petição pela continuação e renovação das misericórdias costumeiras de Deus, de acordo com a necessidade, e pela graça santificadora para fazer bom uso disso. E assim, tendo cantado um outro salmo, próprio de misericórdia, que ele despeça a congregação com uma benção, para que eles tenham tempo suficiente para alimentarem-se e revigorarem-se.

O ministro (antes de despedi-los) deve solenemente admoestá-los quanto a excessos e intemperanças, pendendo para a glotonaria e bebedice, e muito mais desses próprios pecados, no seu comer e beber, e tomarem cuidado para que o seu júbilo e

regozijo não seja carnal, mas espiritual, que possa fazer o louvor de Deus ser glorioso, e a si mesmos humildes e sóbrios; e que tanto o seu alimentar como o regozijar retribua-os com alegria e engrandecimento, mais tarde para celebrar seus louvores no meio da congregação, na parte que resta do dia.

Quando a congregação novamente se reunir, o mesmo processo de oração, leitura, pregação, cantar de salmos, e oferecimento de mais louvor e ação de graças, anteriormente dirigido pela manhã, deve ser renovado e continuado, enquanto o tempo permitir.

Em uma ou ambas reuniões públicas do dia, uma coleta deve ser feita para os pobres, (e semelhantemente no dia da humilhação pública,) para que sua descendência possa nos bendizer, e regozijarem-se conosco. E as pessoas devem ser exortadas, no final da última reunião, a gastar o restante daquele dia em tarefas santas, e testemunhos do amor e caridade cristãos uns para com os outros, regozijando mais e mais no Senhor; como se tornam aqueles que fazem da alegria do Senhor a sua força.

Sobre o Canto de Salmos.

É tarefa do cristão louvar a Deus publicamente, cantando salmos, juntos, na congregação, e também privadamente na família.

No canto de salmos, a voz deve ser afinada e gravemente proferida; mas a principal preocupação deve ser cantar com entendimento, e com graça no coração, fazendo melodia para o Senhor.

Para que toda a congregação possa juntar-se nisto, cada um que pode ler deve ter um livro de salmos; e todos os demais, não sendo incapacitados pela idade ou outra coisa, devem ser exortados a aprender a ler. Mas onde muitos da congregação não podem ler, é conveniente que o ministro, ou alguma pessoa apropriada, indicada por ele e os outros oficiais regentes, leia o salmo, linha por linha, antes de cantá-lo.